

Entrevista: Paulo Pimentel

paraná cooperativo

Ano 2
Número 20
Abril - 2006

AV. Cândido de Abreu, 501 - 80530-0000 - Curitiba - PR - www.ocepar.org.br



SINAL DE ALERTA

CAMBIO EXPORTAÇÕES

Produtos feitos com **Amor** tem muito mais **Sabor**,
e o resultado é muito sucesso nas vendas.

3º Lugar
Marca mais
vendida



4º Lugar
Marca mais
vendida

Veja nossa linha de produtos



A MARCA DO CORAÇÃO

COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL LAR
Av. Brasília 1220 - Bairro Condá - Medianeira - PR
Fone: (45) 3264-8800 - Fax: (45) 3264-8801
SAC: 0800 45-8800 - Site: www.lar.ind.br

A importância do diálogo e da mobilização

João Paulo Koslovski
Presidente do Sistema OCEPAR



As últimas semanas foram dramáticas para a agropecuária brasileira. Enquanto o campo se mobilizava para dizer ao governo que a crise do setor não é choradeira como alguns desavisados ainda insistem em desconhecer, lideranças nacionais do setor trilham outros caminhos: abrir o diálogo com o governo, através dos ministérios da Fazenda e Agricultura e Banco do Brasil para que sejam analisadas propostas adicionais ao “pacote” anunciado para o setor rural recentemente. Nesta missão, as lideranças contam com o importante apoio do Congresso Nacional, através dos deputados e senadores que integram as comissões de agricultura, tanto da Câmara como do Senado e também das frentes parlamentares do cooperativismo e da agricultura.

Embora tenham, em alguns momentos, malhado em ferro frio diante da insensibilidade e desconhecimento da realidade da economia primária, foi possível obter do governo um pouco mais do que ele estava disposto a dar. A

insistência das lideranças cooperativistas que, através da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), ergueram a voz no momento preciso, o que foi vital para que o governo nos desse um pouco mais do que o mínimo.

Depois do anúncio das medidas de apoio ao agronegócio que resolvem parcialmente nossos muitos problemas, enquanto lideranças regionais ameaçavam com mobilizações mais contundentes, inclusive com a paralisação da produção, novamente buscamos o diálogo com as autoridades, ficando acertada a continuidade das negociações com órgãos da área econômica.

Dessa dramática experiência com a mobilização do setor em duas frentes, no campo, onde se produz; e nos gabinetes, onde se decide, tiramos novas lições. A primeira é que não há governo irredutível quando se mostra, com bom senso, a realidade dos fatos. A segunda é que não adianta apenas fazer barulho no campo, onde se trava a batalha da sobrevivência, se

não nos prepararmos, se não tivermos negociadores informados, com credibilidade e representatividade.

O momento não é para apontar quem venceu ou quem perdeu, a hora é de unir forças, governo e sociedade, e buscar caminhos que levem novamente o agronegócio à sua posição de destaque, para que este setor possa assim continuar dando sua parcela de contribuição para os sucessivos recordes da nossa balança comercial, ajudando o País a se desenvolver e gerar riquezas, tanto no campo, como nas cidades.

Precisamos refletir não apenas sobre nossas conquistas, mas sobre as condições que as alcançamos. Fica bem claro que o peso econômico do agronegócio e a representatividade das lideranças agrícolas, cooperativistas e da nossa base parlamentar no Congresso Nacional foram fundamentais em todo o processo.

Por fim, podemos dizer que tanto a mobilização como o diálogo, ainda são as principais armas da diplomacia em qualquer país democrático e que precisamos continuar a praticá-los.

Conjunção de fatores negativos afeta o agronegócio do País

Nos últimos meses, os dirigentes da Ocepar têm desenvolvido um trabalho incansável com o objetivo de sensibilizar o governo federal para os graves problemas que afligem o campo. São reuniões e discussões intermináveis junto a ministros e parlamentares. A mobilização constante trouxe resultados concretos, mas ainda aquém das necessidades urgentes do ramo agropecuário. As medidas anunciadas no dia 25 de junho pelo ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, que contemplam em parte as demandas do campo, foram consideradas insuficientes. A conjunção de fatores negativos faz das mudanças estruturais um imperativo inadiável.

Um dos pontos cruciais da crise é justamente a valorização do real frente ao dólar. O desajuste cambial está afetando a competitividade do agronegócio no mercado internacional. Dados do CEPEA/USP mostram que o índice de atratividade das exportações do segmento é o pior desde 1989. Situação que se reflete no faturamento das cooperativas do ramo agropecuário, já que muitas atuam com intensidade no comércio exterior. No Paraná, o cooperativismo responde por mais de 7% do total das exportações do Estado. Mas, nos quatro primeiros meses do ano, os embarques do setor tiveram retração de 2,6% em receita.

Com base em estudo realizado pela equipe técnica da Ocepar, a reportagem especial desta edição da revista Paraná Cooperativo faz um profundo balanço das exportações do segmento. Importante para a expansão agroindustrial das cooperativas, o comércio internacional trouxe novos horizontes para os produtos dos cooperados. Investimentos pesados foram e continuam sendo realizados em áreas produtivas vinculadas às exportações. Com a política cambial desfavorável, projetos poderão ser adiados ou até abandonados. É mais um obstáculo no caminho das cooperativas. Acompanhe na matéria especial as análises de dirigentes e especialistas sobre a grave situação, e conheça também as repercussões no setor das medidas anunciadas pelo governo federal para amenizar a crise.

Boa leitura.

6

Entrevista:
O ex-governador Paulo Pimentel fala da campanha realizada em parceria com a Ocepar e da crise vivida pelos agricultores



10

Especial: Disputa cambial entre o dólar e o real abala as exportações do agronegócio no País

16

Cooperativas apostam na diversificação como alternativa para o setor



20 Jovens Cooperativistas de todo o País definem estratégias de atuação, desenvolvimento e integração

18

**Cooperativas
apresentam Programa de
Investimentos ao BNDES**



22

**Agricultores deixam o campo
e paralisam as cidades**



30

**Sistema Ocepar realiza
Assembléia e inaugura nova
sede em Curitiba**



38

**Campanha veiculada na
mídia quer resgatar imagem
dos produtores rurais**

34 Cooperativas
participam da Mercosuper
em busca de varejo

44 Emater completa
meio século de extensão
rural no Paraná

SISTEMA **OCEPAR**

Diretoria da Ocepar
2003/2007

Presidente:
João Paulo Koslovski

Diretores:
Alfredo Lang
Frans Borg
Luiz Roberto Baggio
Luiz Lourenço
José Otaviano de Oliveira Ribeiro
Sérgio Luiz Panceri
Luiz Carlos Misurelli Palmquist
Leocir Sartor
Almir Montecelli
Áureo Zamprônio
Valter Pitol
Dilvo Grolli
Edvino Schadeck

Conselho Fiscal:
Titulares:
Jaime Basso
Miguel Rubens Tranin
Nelson Canan

Suplentes:
Gaspar de Geus
Luiz Francisco Gianini
Antônio Sérgio de Oliveira

Superintendente:
José Roberto Ricken

Superintendente Adjunto:
Nelson Costa

Diretoria do Sescop-PR
2003/2006

Presidente:
João Paulo Koslovski

Conselho Administrativo:
Alfredo Lang
Guntolf van Kaick
Josiany de Fátima Rolo
Luiz Lourenço

Suplentes:
Frans Borg
Juacir João Wischneski
Célia Hoffmann
Sérgio Luiz Panceri

Conselho Fiscal:
Titulares:
Orestes Barrozo Medeiros Pullin
Eurico Woitowicz
Gabriel Nadal

Suplentes:
Jacir Scalvi
Carmen Tereza Sagheti Reis
Francisco Augusto Sella

Superintendente:
José Roberto Ricken

EXPEDIENTE

Revista Paraná Cooperativo - Editada pela Assessoria de Imprensa do Sistema Ocepar/Sescop-PR. **Cordenação:** Samuel Zanello Milléo Filho. **Redação:** Eloy Setti, Maria Duarte e Ricardo Rossi. **Apoio:** Cleide de Paula. **Fotos:** Imprensa Ocepar. **Conselho Editorial:** João Paulo Koslovski, José Roberto Ricken, Nelson Costa, Flávio Turra, Gerson Lauermann, Leonardo Boesche, Samuel Zanello Milléo Filho, Eloy Setti. **Diagramação, fotolito e impressão:** Editora Paranaense. **Redação:** Av. Cândido de Abreu, 501, CEP 80530-000, Centro Cívico, Curitiba-Paraná. **Telefone:** (41) 3200-1100 / (41) 3200-1109. **Endereço Eletrônico:** imprensa@ocepar.org.br **Página na Internet:** www.ocepar.org.br. **Capa:** Imprensa Ocepar. **As matérias desta publicação podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte.**

Paulo Pimentel

Governador, deputado federal, empresário de comunicação e cooperativista



O homem do chapéu de palha

Foto: Assessoria Ocepar

Seja nos comentários feitos pela rede de emissoras que lidera em todo o Estado ou mesmo nas páginas dos seus dois jornais diários, Paulo Cruz Pimentel tem utilizado do seu prestígio, como ex-governador do Paraná, para alertar tanto autoridades, como a opinião pública de que a crise vivida pelo campo não é conto de ficção.

Esta preocupação com as dificuldades vividas pelos agricultores e cooperativas levou adiante um plano inédito de mídia, no qual, em parceria com a Ocepar, possibilitou a produção e a veiculação, de forma gratuita em toda a rede de televisão e jornais do Grupo Paulo Pimentel (GPP), uma campanha de valorização dos agricultores. Para sabermos mais sobre esta

iniciativa e também do pensamento de quem já administrou o Estado e ocupou cargos de destaque no cenário nacional, fomos ouvir Paulo Pimentel, que chegou ao Palácio Iguazu no dia 31 de janeiro de 1966 com o título de “homem do chapéu de palha”, pela atenção que sempre dispensou aos produtores rurais, mesmo não tendo origem no campo.

Paraná Cooperativo – Para iniciarmos, gostaríamos de saber melhor quem é Paulo Pimentel?

Paulo Pimentel – Sou paulista de Avaré, interior do Estado de São Paulo. Filho de Públio Pimentel e Maria Izabel Cruz Pimentel. Aos 15 anos fui estudar na capital, São Paulo, morava em uma pensão na avenida São João. Entrei na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Meu sonho era ser catedrático daquela escola que eu admirava tanto. Antes de me formar, arrumei estágio no grupo Votorantim, onde mais tarde fui contratado como advogado. Fiquei cinco anos trabalhando para a família Ermírio de Moraes. Depois, comecei a advogar de forma independente. Em 1955, vim atender clientes, que estavam precisando de assessoria na área judicial, no norte do Paraná, mais precisamente em Porecatu. Dois anos depois, virei administrador de empresas. Mais tarde fui convidado pelo então governador da época, Ney Braga para ser secretário da Agricultura do Paraná. Fiquei assustado, não entendia nada da área. Tentei recusar o convite, porque achava que estava fadado ao insucesso, mas fui convencido, assumi a pasta e mais tarde me elegi governador do Paraná, aos 36 anos de idade. Valeu muito e os resultados estão aí até hoje.

Paraná Cooperativo – O que o levou a procurar a Ocepar para desenvolver uma campanha de valorização do agricultor de forma gratuita para as cooperativas?

Paulo Pimentel – Além de agropecuarista sou cooperativista. Esta questão da crise no setor vem me aborrecendo muito, não só pelos motivos que levaram a ela, mas pela forma que os produtores estão sendo tratados. Conversei como governador Roberto Requião sobre o que estava acontecendo no interior do Estado. Sabemos que o valor da terra afun-

dou, despencou. Eu via que os agricultores estavam gritando em vão, sem ser ouvidos tanto pelo Governo como pela sociedade. Então fui para a televisão oferecer apoio a eles e colocar os veículos de comunicação de meu grupo à disposi-

em nosso Estado. Nosso objetivo é valorizar a agricultura e fazer o Paraná crescer, depois nós tiramos o nosso, quando todo mundo sair do buraco. Enviei uma equipe de profissionais para conversar com presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski, e eles voltaram entusiasmados. Foi sensacional o resultado da conversa, diziam. Acertamos os detalhes e lançamos a campanha no dia 22 de maio em todas as emissoras e nos jornais diários do grupo. Não parece, mas o povo urbano precisa ser partícipe do campo. Através da campanha, o cidadão urbano pode conhecer melhor o que acontece no campo. Se você quiser reivindicar, tem que mostrar os fatos e convencer que está correto. A idéia de utilizarmos produtores de verdade para representarem uma situação atípica, vestidos de terno e gravata no meio da lavoura, na granja, desperta a curiosidade de quem assiste, impacta e cumpre com o objetivo de valorização desta nobre atividade.

Paraná Cooperativo – Qual sua opinião sobre o cooperativismo?

Paulo Pimentel – Eu acredito que sem cooperativismo a agricultura estaria liquidada de vez. Fala-se muito em pequeno e médio agricultor familiar, se eles não se reunirem em torno de cooperativas, não têm condições de sobreviver. Onde não tem cooperativa, não tem desenvolvimento, porque o truque do pequeno é se transformar em grande e o cooperativismo é uma excelente alternativa. Atualmente, sou cooperado da Cofercatu, cooperativa da região norte onde tenho propriedade rural. Tenho um carinho especial pela cooperativa e pelo cooperativismo paranaense.

Paraná Cooperativo – O senhor tornou-se conhecido pelo título “o homem do chapéu de palha”. Qual é a história desse slogan?

Paulo Pimentel – Vamos dizer que ad-



Foto: Assessoria Ocepar



Nosso objetivo é valorizar a agricultura e fazer o Estado crescer



ção para ajudar nas reivindicações. O diretor comercial falou que nós precisávamos arrumar uma maneira de executar esta minha promessa. Ele então sugeriu uma parceria com a Ocepar, entidade representativa que realiza um excelente trabalho

qu岸 esse título quando estava na Secretaria da Agricultura. Durante uma inauguração em Paranavaí, apareceu um caboclo com um chapéu de palha e começou a gritar: “Eu sou o homem do chapéu de palha e você, Pimentel, é o homem do chapéu de palha”. Os marqueteiros da época resolveram aproveitar o fato e isso pegou. Eu tinha uma posição rígida de independência no governo do Estado e fui perseguido por isso. Eu queria o desenvolvimento, a liberdade de expressão em plena ditadura militar.

Paraná Cooperativo – Fale sobre a crise atual?

Paulo Pimentel – Os agricultores acumularam três ou quatro safras de prejuízos. Uma situação sem precedentes. O governo tenta ajudar e não consegue. Ele tem que mexer na política cambial e resolver o problema do passado, examinando o passivo dos produtores. Tem que haver uma política agrícola definida e o produtor plantar só o necessário, equacionar. Ver o consumo mundial e ver o que é preciso produzir. A nossa participação no mercado internacional depende da política de outros países, ou nossos concorrentes derrubam os subsídios ou a nossa agricultura tem que ser subsidiada também. Segundo a revista *Veja*, uma vaca na Europa recebe US\$ 2,00 por dia de subsídio. Tem que ter um carinho especial para a agricultura, porque sozinha ela não sobrevive.

Paraná Cooperativo – Então é preciso um comprometimento maior da sociedade?

Paulo Pimentel – É um jogo de xadrez que precisa ser resolvido. O mesmo problema repete-se com o câmbio. Se deixar o real valorizado, facilitamos a importação, mas prejudicamos outros setores. O equilíbrio disso precisa ser

bem estudado. Tem que brigar junto à Organização Mundial do Comércio (OMC). É difícil competir ainda que o brasileiro tenha criatividade para aumentar a produção. Tem que ter pessoal capacitado que estude, conheça e resolva. A agricultura precisa de incentivos. Os especialis-



Foto: Assessoria Ocepar

“

Os produtores que evoluem mais, evoluem em cooperativa

”

tas têm a solução. A agricultura tem que resolver os problemas do passado, do presente e do futuro. O passado tem que resolver, o presente é a próxima safra e o futuro é a reforma estrutural da agricultura que tanto aguardamos.

Paraná Cooperativo – Traçando um paralelo da época em que foi governador, muita coisa mudou de lá para cá?

Paulo Pimentel – Quando eu cheguei no Paraná havia monocultura do café, principalmente no norte. No sul, era exploração da erva-mate e da madeira. O sudoeste e o oeste eram semi-habitado. O norte sofreu influência do café. No oeste e no sudoeste, entraram gaúchos e catarinenses. Então, o Paraná ficou dividido em três blocos de colonização. O norte do Paraná era mais ligado a São Paulo. O oeste e sudoeste mais ao Rio Grande do Sul e à Santa Catarina, parte do sul do Estado ligada à região metropolitana de Curitiba. E isso dificultou a colonização do Estado. Precisávamos diversificar. Entraram outros produtos: algodão, milho e soja. As terras do Estado passaram a se valorizar mais. A diferença é bárbara de lá para cá. Hoje, tudo é mecanizado. O padrão de vida do campo melhorou muito, tem energia elétrica, telefone; carece ainda de assistência médica imediata. A maior evolução foi em termos de tecnologia. Na pecuária de corte, o Estado abriga hoje os melhores animais, os melhores plantéis.

Paraná Cooperativo – Por falar em tecnologia, como o senhor avalia essas novas pesquisas relativas à manipulação genética, por exemplo, os transgênicos?

Paulo Pimentel – Não tenho restrições aos produtos transgênicos, porque ainda não vi nenhum parecer definitivo sobre o assunto. Segundo a ONU, não prejudica a saúde, nem meio ambiente. Pode ter menos qualidade, mas a produtividade é fantástica. Tem dois pontos negativos nesta questão que precisam ser discutidos: a incerteza e o vínculo dos transgênicos com a Monsanto. Não há dúvidas de que essa tecnologia vai crescer muito porque o custo de produção dele é muito barato. É possível que se pague bem mais para o produto não-transgênico. O gover-

nador Requião tem grandes restrições. Faço restrições também ao pagamento dos *royalties* e a algum parecer negativo que eu desconheça ainda.

Paraná Cooperativo – E a questão da sanidade animal?

Paulo Pimentel – A gripe aviária é mais complexa. Agora, com relação à aftosa, posso dizer que vacilamos com a entrada de animais suspeitos do Mato Grosso. Um cidadão em Londrina, espartinho, tinha fazenda no Mato Grosso, comprava gado no Paraguai, sem cuidados sanitários, e depois trazia para cá e vendia em Londrina, e na fazenda dele foi que apareceram os primeiros focos. Na verdade, não houve febre aftosa no Paraná. Mas o secretário Orlando Pessuti se precipitou e anunciou o foco da doença. Um equívoco violento que chegou até as entidades sanitárias internacionais. Não houve nenhum animal doente no Paraná. O Estado não queria aceitar o abate do rebanho suspeito. Com isso, perdemos um tempão. Vamos ficar praticamente um ano sem vender carne para o exterior.

Paraná Cooperativo – O que falta, na sua opinião, para esse setor evoluir mais?

Paulo Pimentel – Os produtores que evoluem mais, evoluem em cooperativa. Elas serão importantes ferramentas que irão organizar o centro de coleta, seleção e armazenamento de embriões. Tudo com a tecnologia mais avançada. Para um criador médio fica muito caro. Eu mesmo já tentei formar um centro de transferência de embriões, mas os custos são altos demais, é preciso se organizar em cooperativa ou consórcio para viabilizar o setor.

Paraná Cooperativo – Qual a sua opinião sobre o pedágio para a agricultura?

Paulo Pimentel – Eu concordo que o

Estado não tem condições de manter as estradas. É um ônus grande. Só que aqui no Paraná, o custo do pedágio é muito alto. Entre Ponta Grossa e Apucarana, grande parte do trecho não é duplicado, o motorista sofre para ultrapassar por não ter pista dupla ou mesmo terceira pista. O



Foto: Assessoria Ocepar

“

A maior herança que podemos deixar para nossos filhos é nosso nome

”

atrito do governador com as concessionárias deu a eles o argumento para investirem menos nas rodovias. O pedágio é bom, mas tem que ser discutido melhor.

Paraná Cooperativo – Qual avalia-

ção que o senhor faz do governo federal e estadual?

Paulo Pimentel – O governo do Estado está produzindo bastante. Deu uma prova de competência em muitos setores como a Copel, que deu lucros extraordinários. Já o governo federal apresenta bons resultados no campo econômico e educacional, mas falta ainda sensibilidade para os problemas, como é o caso da crise da agricultura. Também tem os casos de corrupção. Mais que inexperiência, acho que é incompetência. Os dirigentes federais resolveram aproveitar todos os sindicalistas no governo e não deu certo. Eles não sabem administrar. Tem que escolher um grupo de primeira linha, esquecendo os amigos. O governante não tem noção do que é certo e errado. Não vejo o presidente como uma pessoa de má fé, ele quer notoriedade.

Paraná Cooperativo – O senhor se considera realizado tanto politicamente como pessoalmente?

Paulo Pimentel – É difícil entender o significado de ser realizado. Realizado é um cara que terminou sua missão aqui, este não é meu caso. Eu gosto muito de ajudar as pessoas, tenho uma disposição enorme. Tenho uma obsessão, ou quem sabe uma vaidade de estar sempre participando da sociedade, de contribuir com a minha experiência para o bem do próximo. Tanto faz ter ou não mandato. A perspectiva dessas eleições é não ser candidato. Se for possível, eu tenho parcerias políticas. Tudo depende das circunstâncias. O bom da vida é ter um bom nome até para os seus descendentes. Isto eu posso falar com orgulho, construí um nome que o tempo não conseguirá destruir, meu maior orgulho é ouvir minhas netas falarem que sua professora abordou períodos da história política do Paraná e que o seu avô faz parte disso. A maior herança que podemos deixar para nossos filhos é nosso nome, nosso sobrenome, mais nada. ■



Câmbio abala exportações do agronegócio

O dólar depreciado vem há tempos comprometendo a competitividade e a rentabilidade do setor

A competitividade do agronegócio brasileiro segue ameaçada pela valorização do real frente ao dólar. A aparente estabilidade do saldo das exportações começa a dar sinais de oscilação. A máquina produtiva perde ritmo e coloca em risco a viabilidade da agropecuária do País. Penalizado pelo câmbio restritivo, juro elevado, carga tributária excessiva e pesados custos de produção, o setor reivindica mudanças na condução da política econômica. Em jogo está o futuro de um segmento que responde por 30% do PIB brasileiro e gera 37% dos empregos do País, abrangendo 24,2% da população economicamente ativa do

Brasil.

O dólar depreciado vem há tempos comprometendo a competitividade e a rentabilidade do setor agropecuário. Segundo estudo realizado pelo Centro de Pesquisa Avançada em Economia Aplicada (CEPEA/USP), a atratividade das exportações do agronegócio brasileiro é a pior desde 1989. A valorização do real, em relação a uma cesta de moedas dos principais parceiros do Brasil, chegou a 2,6% nos primeiros três meses deste ano, no comparativo com o trimestre anterior (out/nov/dez). No mesmo período, os preços internacionais do agronegócio tiveram alta de apenas

0,14%. Com isso, o Índice de Atratividade das Exportações do Agronegócio (IAT-Agro/CEPEA) ficou abaixo da média dos últimos 17 anos.

O agravamento da situação cambial já se reflete no faturamento das cooperativas agropecuárias paranaenses, com queda expressiva na receita gerada pelas vendas externas. De janeiro a abril deste ano, os embarques de produtos do segmento totalizaram US\$ 211,3 milhões, uma retração de 2,56% em comparação ao mesmo período de 2005. No volume, ocorreu ligeira alta de 3%, com mais de 777 mil toneladas exportadas.

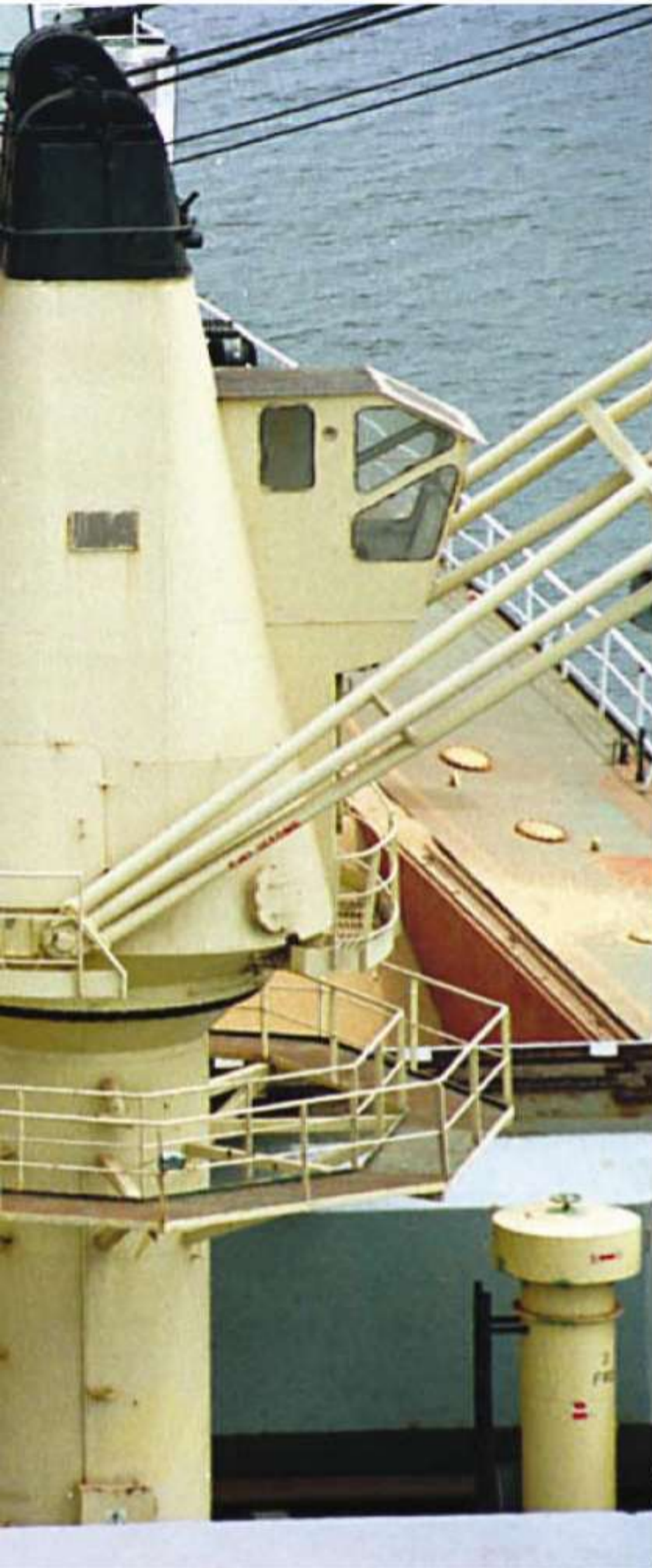


Foto: SECS

“As cooperativas respondem por mais de 7% do total das exportações do Paraná. Por estar concentrado em *commodities*, em especial no complexo soja, milho e carnes, o segmento está sendo afetado de forma drástica pela valorização do real”, explica o analista técnico e econômico da Ocepar, Robson Mafioletti.

A ocorrência de febre aftosa no Estado e o temor da gripe aviária, que reduziu as compras internacionais de carne de frango, um dos itens mais representativos da balança comercial do Paraná, agravaram ainda mais o desempenho do setor agropecuário. Pela primeira vez na história, as cooperativas do Estado perderam a liderança no ranking nacional das exportações. Com forte participação nas culturas de cana-de-açúcar, laranja e café, segmentos em expansão e que sofreram

perdas menores de rentabilidade, as cooperativas de São Paulo ultrapassaram as entidades paranaenses. “O complexo soja e o setor de carnes (principalmente aves e suínos) são as vocações mais marcantes do agronegócio do Paraná. Ambos foram muito afetados pelo cenário internacional e a política cambial”, analisa Mafioletti.

O desempenho do setor agropecuário pressionou para baixo a balança comercial paranaense, que registrou queda nas exportações em dólar de 0,55% no quadrimestre, ante o mesmo período no ano passado, com embarques que totalizaram US\$ 2,87 bilhões. A perda acentuada de rentabilidade fica evidente no comparativo entre os meses de abril de 2006 e de 2005, com retração de 12,53%. Já em relação ao mês de março deste ano, a queda em abril foi de 8,5%.

Cooperando para exportar

Janeiro a abril de 2005 e de 2006

As exportações das cooperativas paranaenses representaram até abril de 2006 US\$ 211,4 milhões, o que equivale a 7,35% do total exportado pelo Paraná e 1,73% do total exportado pelo Brasil. No mesmo período de 2005, representaram US\$ 216,9 milhões, com um decréscimo de 2,6% no montante exportado.

Atratividade de Exportação do Agronegócio

Março de 2006 em relação aos últimos 17 anos

SOJA	- 19,61
AÇÚCAR	- 0,97
CAFÉ	- 0,90
SUCO DE LARANJA	- 39,30

Exportações das cooperativas brasileiras por Estado

ESTADO	Janeiro/Abril-2006	Janeiro/Abril-2005	Variação % 2006/2005	
	FOB (em mil US\$)	FOB (em mil US\$)	US\$ FOB	ton
SAO PAULO	233.097	222.231	4,9	-29,2
PARANA	211.383	216.944	-2,6	3,0
SANTA CATARINA	72.747	85.624	-15,0	-38,4
MINAS GERAIS	61.579	59.211	4,0	-5,0
Outros	98.614	55.750	76,89	44,31
TOTAL	677.420	639.760	5,9	-15,5

Setor produtivo perde força

As conseqüências da política cambial, acentuadas pela aftosa e pela gripe aviária, tornaram-se evidentes em 2005, quando as exportações das cooperativas paranaenses caíram de forma considerável. Na comparação com os resultados de 2004, a retração em receita foi de 31,2%, enquanto no volume a diminuição chegou a 46,1%. Os embarques totalizaram 1,97 milhão de toneladas, com faturamento de US\$ 682,8 milhões, o equivalente a mais de 7% de tudo que foi exportado no Paraná. “A situação atual é preocupante, porque a falta de rentabilidade pode abalar o constante trabalho das cooperativas na busca de novos mercados e na adequação produtiva à demanda internacional”, avalia o técnico da Ocepar, Robson Mafioletti.

De acordo com o analista, o segmento cooperativista paranaense fez elevados investimentos para conquistar espaço no mercado mundial. “Exportar não é vender excedentes. Exige planejamento a médio e longo prazo, que garanta ganho de escala à medida que as vendas se consolidem. Muitas vezes, os preços internos são melhores, mas os exportadores assimilam perdas para manter mercados conquistados”, observa.

Mas o fôlego dos exportadores dá si-



Foto: Assessoria Frimesa

Elias Zydek, diretor da Frimesa: política cambial prejudicou competitividade internacional

nais de que não suportará a pressão cambial por muito tempo. Entre as cooperativas, já começam a ocorrer mudanças nos planos de expansão internacional. Quando decidiu iniciar a exportação de queijos, em 2002, a Frimesa investiu no desenvolvimento de produtos específicos para o mercado externo, na adequação do processo fabril e na prospecção de novos clientes. A quantidade de leite recebido pela cooperativa aumentou em 250 mil litros/dia. Somente na adaptação

da unidade industrial foram feitos aportes de R\$ 6 milhões. O resultado não demorou a acontecer. Em 2004, a Frimesa passou a exportar 600 toneladas de queijo ao mês para países asiáticos, principalmente a Coréia do Sul. O volume correspondia a 56% das exportações brasileiras de queijo. Mas, apesar do desempenho vitorioso no mercado internacional, a cooperativa não resistiu à política cambial perniciososa e perdeu competitividade. Em março último, os embarques para a Coréia cessaram. “As exportações, que representavam 20% do faturamento total da Frimesa, hoje respondem por apenas 5% da receita. O câmbio está inviabilizando as vendas externas. Decidimos priorizar o mercado interno”, explica o diretor executivo Elias Zydek.

A conseqüência imediata do fim das exportações de queijo: demissão de 85 funcionários, além da redução do volume de leite comprado de cooperados e produtores “também no segmento de cortes suínos, as vendas externas foram duramente afetadas. Mantivemos os embarques apenas para Hong Kong, cessando o envio para Rússia, Cingapura, entre outros países”, afirma Zydek.

Comparativo das exportações brasileiras

Participação relativa de 2000 a 2006 (valores em US\$ bilhões)

ANO	Brasil (a)	Paraná (b)	Cooperativas Brasileiras (c)	Cooperativas Paranaenses (d)	Participação		
					(c/a) %	(d/b) %	(d/c) %
2000	55,08	4,39	0,76	0,31	1,38%	7,13%	41,05%
2001	58,22	5,32	1,13	0,48	1,95%	8,94%	41,94%
2002	60,36	5,70	1,09	0,54	1,81%	9,47%	49,55%
2003	73,08	7,15	1,30	0,63	1,78%	8,85%	48,53%
2004	96,47	9,40	2,00	0,99	2,08%	10,56%	49,54%
2005	118,31	10,02	2,25	0,68	1,90%	6,79%	30,22%
2006*	39,19	2,88	0,677	0,211	1,73%	7,35%	31,17%

Fonte: Getec/Ocepar - * referente aos meses de janeiro a abril



Setor cooperativista responde por mais de 7% do total das exportações do Estado

Foto: SECS

Cooperativismo tem forte participação na balança comercial do Paraná

As exportações das cooperativas ganharam força a partir dos anos 90. A economia transnacional lançou o segmento no comércio mundial. Sobretudo nos estados do sul e em São Paulo, as potencialidades da agricultura local e o acesso logístico geograficamente privilegiado impulsionaram a conquista do mercado internacional. Em 2004, as cooperativas brasileiras exportaram US\$ 2 bilhões, respondendo por 2,8% do total das vendas externas do País, a participação mais expressiva da história.

Para construir índices tão elevados, a atuação do cooperativismo paranaense foi fundamental. Favorecidas por uma conjunção de fatores – clima, câmbio e preços internacionais – as cooperativas paranaenses responderam sozinhas por metade das exportações do setor. Colheram os resultados de investimentos pesados em tecnologia, aprimoramento de gestão e coordenação com os cooperados. Naquele ano, as vendas externas ficaram próximas a US\$ 1 bilhão, o que representou 10,56% do total exportado pelo Paraná.

Mas os bons ventos foram perdendo força. No ano passado, a participação das

cooperativas nas exportações paranaenses caiu para 6,79%. Dessa vez, a conjunção de fatores foi negativa – câmbio, estiagem, aftosa, gripe aviária, custos dos insumos – gerando graves consequências em toda a cadeia produtiva da agropecuária. “Os preços internacionais em dólar se tornaram preços em reais declinantes, em muitos casos abaixo dos custos de produção, com a alta considerável do valor dos fertilizantes, agroquímicos e do óleo diesel”, diz o professor Marcos Jank, presidente do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais - (Icne). “O resultado é que o produtor reduz o uso de tecnologia e o Brasil perde espaço até para concorrentes menos eficientes, que conseguem manter mais ajustadas as rédeas de suas políticas macroeconômicas”, adverte.

De fato, mesmo sofrendo com as constantes crises e falta de investimentos em infra-estrutura, o agronegócio brasileiro mantém-se como um dos mais competitivos do mundo. Ao intensificar a atuação nas exportações, o setor cooperativista aceitou o desafio e en-

frentou as exigências do mercado globalizado. Em pouco tempo, conquistou importante espaço e reputação com a qualidade dos produtos e o cumprimento dos acordos firmados. E não faltam exemplos de experiências bem sucedidas neste segmento, como é o caso da Coamo, com sede em Campo Mourão, Noroeste do Paraná.

Maior cooperativa da América do Sul, a Coamo responde hoje por quase 4% das exportações brasileiras de soja. Em 2005, exportou 1,72 milhão de toneladas nos sistemas FOB e CIF, com certificado de rastreabilidade que garante o controle dos produtos do campo até o seu destino nos países compradores. A receita gerada foi de US\$ 356 milhões, cerca de 16% do total das exportações do cooperativismo brasileiro.

Com investimentos em gerenciamento administrativo e trabalho coordenado com os quase 20 mil cooperados, em sua maioria pequenos produtores do noroeste e centro-sul do Estado, a Coamo conquistou espaço inquestionável no comércio internacional de *commodities* – segmento historicamente dominado por *tradings* e corporações multinacionais. No ano passado, a cooperativa foi a quarta maior em

presa exportadora do Paraná, se posicionando entre as 60 maiores do País. “O sucesso que obtivemos no comércio exterior foi resultado da qualidade de nossos produtos e serviços. Tivemos que adquirir cultura exportadora, adequando e treinando equipes de profissionais, o que abriu novos horizontes para a cooperativa”, explica o superintendente comercial da Coamo, Roberto Petrauskas.

Referência para todo o segmento cooperativista, a Coamo também sente os efeitos da política cambial. “A situação é preocupante, principalmente porque os insumos e o custo de produção seguem altos, enquanto os preços em real despenham”, avalia.

Com participação concentrada em produtos primários, as cooperativas precisam estar preparadas para lidar com a natureza cíclica de seu negócio, a gangorra das altas e baixas periódicas de produção e preços. “O problema é que no Brasil o desajuste das políticas macro (câmbio, juros, impostos) e a deficiência das ações setoriais (infra-estrutura, sanidade), além da falta de proteção (seguro e hedge), ampliam os riscos para quem anda na montanha-russa do agronegócio”, observa Marcos Jank.

Ainda segundo o professor, a única saída para o setor cooperativista é adotar um comportamento empresarial conservador. “Já se foi o tempo em que o desafio da agropecuária era produzir mais e melhor. Hoje, é fundamental analisar com extremo cuidado oferta, demanda e preços, reduzir riscos de comercialização e aprender a conviver com as inconstâncias e insanidades das políticas públicas”, enfatiza.

De acordo com Jank, as contradições da política agrícola e a falta de recursos tornam mais difíceis a concretização de estratégias de expansão da agropecuária do País. Estudos do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostram que a parcela de verbas da União destinadas ao setor, que era de 5,6% na gestão de José Sarney, caiu para 1,8% no governo Lula. “Áreas críticas para garantir a eficiência do sistema agroindustrial – como defesa sanitária, seguro rural, pesquisa e biotecnologia – perderam recursos e deixaram de ser prioridades”, reclama.



Foto: Assessoria Coamo

Roberto Petrauskas, superintendente da Coamo, considera preocupantes as perspectivas para as exportações do setor agropecuário

Cooperativas brasileiras exportam para mais de 135 países



Destinos das exportações

PAÍS	Janeiro/Abril-2006	Janeiro/Abril-2005	Variação do valor 2006/2005
	US\$ FOB (em mil US\$)	US\$ FOB (em mil US\$)	
CHINA	82.322	50.449	63,18%
EMIRADOS ÁRABES	50.831	37.870	34,22%
ALEMANHA	49.515	63.811	-22,40%
ESTADOS UNIDOS	40.369	14.394	180,45%
HOLANDA	40.018	33.382	19,89%
JAPÃO	39.784	34.779	14,39%
NIGÉRIA	34.886	20.994	66,17%
ARÁBIA SAUDITA	29.437	32.078	-8,23%
ÁFRICA DO SUL	26.637	15.861	67,94%
RÚSSIA	25.376	36.684	-30,83%
FRANÇA	24.895	49.615	-49,82%
MARROCOS	24.028	52.860	-54,54%
OUTROS	209.322	196.983	6,26%
TOTAL	677.420	639.760	5,89%

Fonte: Getec/Ocepar

**Soja, farelo e óleo
continuam sendo os principais
produtos das cooperativas
no comércio internacional**



Complexo soja predomina nas vendas externas

Foto: Assessoria Ocepar

Apesar dos resultados negativos do Paraná, de janeiro a abril deste ano, as cooperativas brasileiras registraram alta de 5,9% na receita das exportações, que chegou a US\$ 677,4 milhões ante o faturamento de US\$ 639,7 milhões obtidos no mesmo período de 2005. O complexo soja foi o principal item negociado pelo segmento cooperativista, com participação de 30% no total dos embarques. O setor sucroalcooleiro respondeu por 29,1%, seguido pelos segmentos carnes com 20,6% e café, 8,8%.

E foi justamente o desempenho do complexo soja o responsável direto pela queda nas vendas paranaenses. Uma das vocações da agricultura do Estado, a cultura foi afetada por reveses climáticos, preços baixos, insumos caros e, principalmente, pelo câmbio desfavorável. O comércio de grãos tem forte presença na pauta de exportações das cooperativas, o que deixa o setor vulnerável às oscilações do mercado.

Mas a predominância de *commodities* no portfólio do setor cooperativista tende a ser reduzida gradativamente, cedendo espaço para produtos com maior valor agregado. Os investimentos em diversificação e agroindústria são crescentes. “As vendas no varejo de produtos industrializados por cooperativas já respondem por

15% do faturamento total do setor no Paraná. Apesar das exportações de grãos ainda serem extremamente representativas, há um intenso movimento na busca de valorização e diversidade produtiva, como, por exemplo, no setor de carnes, óleos, sucroalcooleiro e café”, observa Mafioletti.

Porém, os produtos primários seguem com maior demanda internacional. “*Commodities* são, por definição, padronizados e não-diferenciados, nos quais o produtor não tem poder de fixar preços. Para se obter rentabilidade, é preciso reduzir custos e conseguir acesso aos mercados

compradores”, analisa o professor Jank.

Segundo o presidente do Icone, os ganhos de produtividade dependem da correção de deficiências logísticas, com melhor qualidade de estradas, ferrovias e hidrovias, armazéns e portos. “Dependem também de ajustes que tragam equidade internacional na taxa cambial, juros e impostos menos pesados ao setor. Já o avanço nos mercados de *commodities* tradicionais passa fundamentalmente pela redução das barreiras tarifárias, subsídios, quotas de importação e restrições sanitárias”, afirma.

Exportações das Cooperativas brasileiras - janeiro / abril 2006

PRODUTO	Janeiro/Abril-2006	Janeiro/Abril-2005	Variação Valor 2005/2006
	US\$ mil FOB	US\$ mil FOB	
Complexo Soja	203.156	198.188	2,50%
Setor Sucroalcooleiro	196.909	205.294	-4,10%
Setor Carnes	139.31	132.056	5,50%
Café	59.753	68.182	-12,40%
Algodão	24.066	0.615	3812,00%
Trigo	19.414	0	-
Milho	10.557	18.258	-42,20%
Leite e derivados	6.43	3.943	63,10%
outros	17.826	13.225	34,80%
TOTAL	677.420	639.760	5,90%

Fonte: Getec/Ocepar

Diversificação é a palavra-chave no segmento

A diversificação das atividades agropecuárias é um dos pilares dos programas de expansão das cooperativas do Paraná. Nesse sentido, as exportações podem atuar como propulsoras de novos sistemas produtivos. Um exemplo bem-sucedido é o investimento cooperativista no segmento de carnes, especialmente na avicultura. As seis cooperativas que atuam no setor – Copacol, C.Vale, Lar, Copavel, Copagrill e Cooperaves – abatem cerca de um milhão de aves/dia. Dados da Ocepar mostram que, desde 1996, quando intensificou a participação na produção de carne de frango, o setor investiu mais de R\$ 1,1 bilhão na atividade.

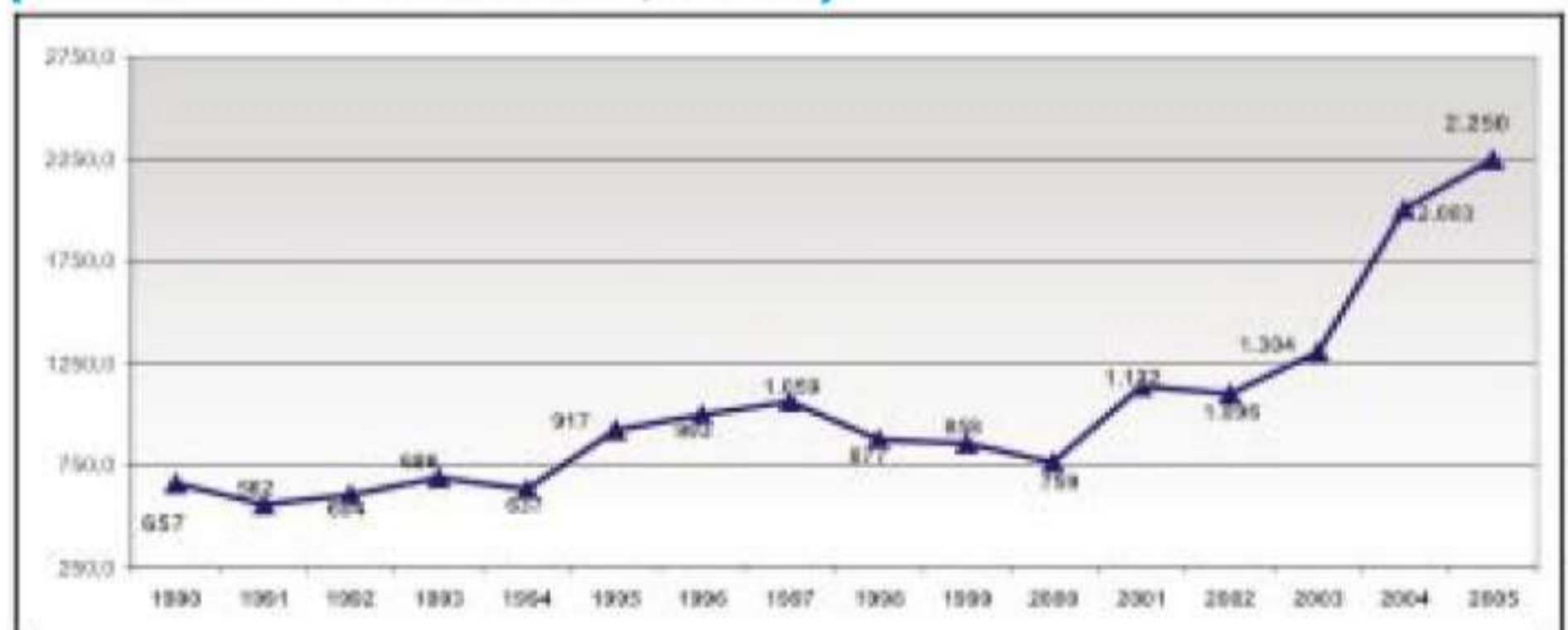
Como resultado, cerca de dez mil cooperados ganharam uma alternativa de renda menos volátil que a cultura de grãos, e mais de 11 mil empregos diretos foram gerados. Para as cooperativas, a transformação de milho e soja em proteína animal aumentou de forma considerável o valor agregado de sua produção. “O setor de carnes é promissor e é um caminho para a diversificação de renda no campo. Apesar do momento difícil gerado pelo temor da gripe aviária, as perspectivas futuras são muito favoráveis”, explica Mafioletti. Da produção total de carnes de aves das cooperativas, metade é exportada para mais de 130 países.

Ainda no segmento carnes, a bovinocultura é outra atividade na qual o setor inicia projetos de expansão. Investimentos como os previstos pela Corol (veja gráfico), não deverão ser os únicos. Isso

se os recursos para sanidade animal e fiscalização forem garantidos pelo poder público, evitando a ocorrência de novos surtos de febre aftosa. Já no setor sucroalcooleiro, que vive um momento favorável, as cooperativas também ampliam sua participação, respondendo por cerca de 40% da produção paranaense de álcool e 9% do volume de açúcar. Nos segmentos de café e na fruticultura, existem movimentos constantes de expansão. “Mesmo com o cenário conturbado, o setor cooperativista não deixa de planejar seus investimentos futuros, buscando sempre alternativas de renda para seus cooperados com maior valor agregado em sua produção”, afirma o analista econômico.

Conforme projeções da Ocepar, nos próximos dois anos, o setor cooperativista deverá investir cerca de R\$ 800 milhões. Recursos que serão direcionados principalmente para a agroindustrialização – novas fábricas e usinas – além de melhorias no sistema de armazenagem e logística. Segundo Marcos Jank, a estratégia a ser seguida para evitar a montanha-russa das *commodities* é investir na produção de mercadorias diferenciadas, prospectando mercados em nichos específicos, utilizando selos de qualidade e rastreabilidade. “Dessa forma é possível adicionar valor aos produtos e obter maior valor agregado sobre seu preço final, o que significa margens mais atrativas e estáveis”, finaliza.

Evolução das exportações das Cooperativas Brasileiras de 1990 a 2005 (valores em milhões US\$ / Fob)



Fonte: Medici/Secex - Elaboração: Ocepar/Getec - 2006

Expansão e rentabilidade através do comércio exterior



Foto: Assessoria Icone

Marcos Jank, presidente do Icone: insanidades políticas ampliam riscos da montanha-russa do agronegócio

Em fins da década de 70 o Brasil passava por transformações marcantes em sua distribuição demográfica. As cidades atraíam um contingente populacional crescente, intensificando problemas que hoje se tornaram crônicos, como a falta de infra-estrutura urbana, desemprego e criminalidade. Enquanto isso, no campo, o momento era de incertezas, antecipando a estagnação que marcaria o setor nos anos seguintes. O êxodo rural era tema corriqueiro de notícias nos meios de comunicação e de palestras de especialistas. Ganhou força a imagem da agropecuária associada a uma atividade arcaica, desprovida de tecnologia e viabilidade econômica.

Foi nesse contexto desfavorável, em 1982, que nascia o Complexo Avícola da Copacol. Com sede em Cafelândia, no oeste do Paraná, a cooperativa tornou-se a primeira do Estado a atuar na avicultura. “O objetivo era gerar alternativas de renda mais consistentes para os cooperados, evitando que a falta de perspectivas econômicas agra-

vasse o êxodo do campo”, explica o gerente comercial da Copacol, Valdemir Paulino.

O pioneirismo da Copacol abriu caminhos para que outras cooperativas atuassem no setor avícola. Na entidade de Cafelândia, a atividade prosperou e hoje responde por mais de 60% de seu faturamento, que no ano passado foi de R\$ 634 milhões. O complexo avícola abate 255 mil frangos/dia, gera dois mil empregos diretos e envolve cerca de 900 cooperados integrados ao sistema. Desde os primeiros anos, as exportações tiveram um papel importante na consolidação do projeto. “Os mercados externos, através de contratos duradouros e estáveis, absorvem uma parcela significativa da produção, garantindo menos oscilação de escala. A Copacol já atua no comércio internacional há mais de 20 anos”, diz Paulino. “O medo da gripe aviária e principalmente o câmbio causaram diminuição de demanda, gerando margens negativas”, prossegue. Para amenizar o problema, a cooperativa reduziu o número de abates de 300 mil para 255 mil/dia. “As exportações são fundamentais para a absorção da produção avícola do Paraná. A Copacol tem sólidas parcerias e vai manter o trabalho junto aos mercados conquistados. Mas o momento é crítico e a política cambial precisa ser modificada”, desabafa.

De acordo com o presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski, as exportações promovem a expansão produtiva e estimulam mudanças de comportamento que vão muito além dos benefícios econômicos. “Para conquistar o mercado externo, as cooperativas desenvolvem planejamentos abrangentes adequando sua produção conforme a demanda. Muitas vezes, toda a cadeia produtiva é reorganizada, cumprindo-se exigências de manejo, normas ambi-



Foto: Assessoria Copacol

“Parcerias duradouras no mercado externo precisam ser preservadas”, diz Valdemir Paulino, gerente comercial da Copacol

entais, certificações e rastreabilidade”, explica.

Segundo Koslovski, para vencer no competitivo mercado internacional, o setor cooperativista teve que se adaptar rapidamente, o que ocasionou um salto de eficiência na gestão das entidades. “Somente consolida sua posição e imagem no comércio exterior a cooperativa que tem uma estrutura administrativa desenvolvida e ágil. A qualificação gerencial e produtiva acaba também favorecendo o desempenho da entidade no mercado interno, que recebe produtos de padrão mundial”, observa.

Para a cooperativa e seus cooperados, os ganhos são incontestáveis. “Exportar amplia as possibilidades das instituições, que entram num mercado muito maior e que oferece condições para negociações duradouras, garantindo rendimentos estáveis e constantes. Com mais segurança, a cooperativa pode intensificar investimentos em diversificação e alternativas de renda para seus associados”, conclui. ▶

BNDES: investir 3,5 bilhões em cinco anos no Paraná

O presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski, acompanhado de seis dirigentes cooperativistas paranaenses, foi recebido no dia 17 de maio, pelo presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Demian Fiocca, na sede do Banco, no Rio de Janeiro, e pelo ministro Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão. Esta reunião, agendada a pedido do próprio ministro, serviu para que a Ocepar apresentasse ao presidente do BNDES o Programa de Infra-Estrutura e Desenvolvimento Agroindustrial (Prodepar), que ao longo de cinco anos pretende investir no setor agroindustrial cooperativista cerca de R\$ 3,5 bilhões.

Koslovski também informou a Demian Fiocca que as cooperativas paranaenses pretendem realizar em 2006/2007, investimentos que demandarão recursos na ordem de R\$ 800 milhões. A proposta da Ocepar é que o banco viabilize esses recursos através do Programa de Desenvolvimento Cooperativo de Agregação de Valor à Produção Agropecuária (Prodecoop). Koslovski também solicitou que sejam ampliados os limites de financiamento de R\$ 35 milhões para R\$ 70 milhões por cooperativa/ano e que os juros sejam reduzidos aos patamares de 8,75% ao ano, que é o praticado no crédito rural atualmente, e ainda pediu agilização dos diversos processos de análise e contratação dos projetos junto ao banco. Só das cooperativas paranaenses já existem protocolados junto ao BNDES projetos na ordem de mais de R\$ 270 milhões, recursos esses que fazem parte ainda do Plano Safra 2005/2006, sendo que desses apenas 20% foram liberados.

O ministro Paulo Bernardo fez questão de manifestar ao presidente do BNDES de que tanto o Prodecoop



Foto: Assessoria BNDES

Prodepar foi apresentado ao ministro Paulo Bernardo e ao presidente do BNDES

como os demais investimentos apresentados pela Ocepar são importantes para o desenvolvimento econômico do Paraná. O ministro, por diversas vezes, tem se manifestado simpático a essas propostas do cooperativismo e disse que irá fazer todo esforço necessário para que elas venham a ser implementadas pelo governo federal. “O cooperativismo tem contribuído de forma significativa para o desenvolvimento das pequenas e grandes cidades, realizam um

trabalho sério e precisam de apoio”, disse Paulo Bernardo num recente encontro com a Ocepar em Curitiba.

Participaram da reunião na sede do BNDES, no Rio de Janeiro, o presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski; Luiz Roberto Baggio, da Bom Jesus; Luiz Lourenço, da Cocamar; Carlos Murate, da Integrada; Vilmar Seboldi, da Cocari; José Otaviano de Oliveira Ribeiro, da Cofercatu; e Eliseu de Paula, presidente da Corol.

Crescem exportações de açúcar e álcool

O total exportado pelas cooperativas brasileiras em 2005 foi de US\$ 2,25 bilhões, contra US\$ 2 bilhões no mesmo período de 2004, com crescimento de 12,5% contra um crescimento de 6,66% das exportações paranaenses e

22,6% das exportações brasileiras.

Os principais produtos exportados foram açúcar e álcool com participação de 31% sobre o total exportado, o complexo soja com 27,6% e a carne de frango e derivados com 13,4%.

Fonte: Getec/Ocepar

Corol Beef deve gerar mais de 3 mil empregos

O presidente da Corol, Eliseu de Paula, estima que em seis meses o BNDES deve aprovar o projeto de financiamento do complexo industrial da Corol Beef, uma empresa de capital fechado constituída em parceria com o grupo norte-americano Global Proteine Group. A proposta de financiamento foi entregue no dia 17 de maio ao BNDES durante reunião com o presidente Demian Fiocca, da qual participaram o presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski, e dirigentes de seis cooperativas paranaenses. A Corol Beef pretende obter R\$ 115 milhões para a construção do seu frigorífico.

Eliseu de Paula afirmou que o presidente do Banco foi muito receptivo ao projeto apresentado. “Nós sentimos o BNDES aberto para as cooperativas”, disse, ao avaliar os resultados da reunião. O projeto da Corol representa mais um passo na diversificação industrial da cooperativa com sede em Rolândia. Atualmente, ela já produz café, suco de laranja, açúcar, álcool e suco de uva, com a matéria-prima fornecida pelos associados. O novo frigorífico será instalada no distrito de São Martinho, em Rolândia, em uma área de 30 alqueires doada pelo município. A estimativa é iniciar o abate de animais no início de 2008.

Como nos demais projetos industriais, esse também será integrado, tendo os associados da cooperativa como fornecedores de matéria-prima. Os interessados em assinar com a Corol o contrato de fornecimento já somam mais de 500 e têm fazendas localizadas num raio de 250 km do local do frigorífico. Os associados dispostos a cumprir com as exigências de qualidade e rastreabilidade da Corol Beef receberão um bônus de 10% sobre o preço praticado na região, de acordo com levantamento ESALQ/USP. O contrato terá um prazo mínimo de dez anos. “O nosso objetivo é fazer uma indústria de carne com diferencial para o consumidor”, frisa Eliseu de Paula. Na

mesma planta industrial, os bois serão abatidos e a carne processada para ser entregue ao consumidor final: carne pré-cozida, hambúrguer, cortes especiais, *kosher* e outros.

A busca de um parceiro com experiência no mercado internacional foi uma estratégia muito estudada pela cooperativa. “Nós temos a experiência para produzir, mas não possuímos o mercado, que é uma especialidade do nosso parceiro”, afirma o presidente da Corol, Eliseu de Paula, referindo-se à Global Proteine Group, que detém 50% das ações da empresa. A vantagem da cooperativa é, também, a possibilidade de utilização do bagaço de cana e de laranja para alimentação animal. “Temos alimentação abundante para os animais”, frisou.

O projeto será implantado em etapas. Começa abatendo 750 bovinos por dia; numa segunda fase vai abater 1.250; depois 1500 e, por último, dois mil no quarto ano, quando estará gerando aproximadamente três mil empregos. “Haverá uma grande dinamização da economia regional”, frisa Eliseu de Paula, referindo-se aos diversos prestadores de serviços para o setor.

A Corol Beef estima obter um faturamento anual de US\$ 200 milhões. “Vamos produzir carne por hectare. É um projeto que vai avançar e revolucionar muito a classe produtiva”, finalizou Eliseu de Paula. ■



Pasa amplia estrutura para exportação de açúcar

Para ampliar sua estrutura, a Pasa (Paraná Operações Portuárias S.A.) – investiu cerca de R\$ 37 milhões. A empresa construiu um novo silo que aumentou a capacidade de armazenamento de 54 mil para 174 mil toneladas, além de novas moegas rodoferroviárias. Com isso, ampliou em 60% o volume recebido de açúcar (de 10 mil para 16 mil toneladas/dia) e em 50% a capacidade de embarque (de mil toneladas/hora para 1,5 mil toneladas/hora). A inauguração do novo conjunto de construções ocorreu no dia 17 de março. Fundada em 2002, a Pasa é o primeiro terminal de embarque de açúcar a granel do sul do País.

Com uma equipe de 180 colaboradores, a Pasa é formada pela associação entre as cooperativas Cooperval (Jandaia do Sul), Coopcana (Paraíso do Norte), Corol (Rolândia) e Copagra (Nova Londrina) e as empresas Usina Santa Terezinha (Maringá), Vale do Ivaí (São Pedro do Ivaí), Sabarálcool (Engenheiro Beltrão), Goioerê (Goioerê) e Usaciga (Cidade Gaúcha).

De acordo com o presidente da Pasa, Paulo Meneguetti, o êxito do empreendimento assegurou maior competitividade ao açúcar paranaense. “Novos investimentos serão realizados para ampliar ainda mais a estrutura nos próximos anos”, afirmou.

Evento em Curitiba debate ações de desenvolvimento



Foto: Assessoria Ocepar

Izabel Bento, da Coagru, coordena a comissão provisória nacional

Representantes dos jovens cooperativistas se reuniram no dia 18 de abril, no Hotel Lizon, em Curitiba, para debater os próximos passos nas ações da Comissão Provisória de Jovens Cooperativistas, que já realizou três das ações programadas para o período de outubro de 2005 a julho de 2007.

O evento de Curitiba foi mais uma etapa do plano de trabalho. Participaram nove pessoas, incluindo representantes do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Sheila Reis da Gerência de Fomento do Sescop Nacional.

O gerente de Desenvolvimento Humano do Sistema Ocepar, Leonardo Boesche, destacou a importância das discussões e eventos voltados especificamente aos jovens cooperativistas. Segundo Boesche, hoje há presidentes de cooperativas que começaram como lideranças de grupos de jovens. “Já temos frutos, e esperamos que esse trabalho traga ainda mais frutos”, comentou o gerente.

Debates – Izabel Francelina Bento, da Coagru, que é também coordenadora da Comissão Provisória Nacional, adiantou que os debates acontecerão em todas as regiões. Neste primeiro semestre, serão feitas visitas aos estados, para formar comitês locais, e de-

pois será constituída a representação nacional. Ela explicou que cada estado terá autonomia para trabalhar com seus jovens, de maneiras diferenciadas. Isso porque cada um tem suas particularidades, que precisam ser respeitadas. No caso do Paraná e de Santa Catarina, por exemplo, a maior parte do trabalho com os jovens é voltada às cooperativas agropecuárias, que se destacam nessa área.

Encontro – No Paraná, o 15º Encontro dos Jovens Cooperativistas foi marcado para os dias 1, 2 e 3 de agosto, em Corné-

lio Procópio. O evento está sendo organizado pelo Sescop-PR e deve reunir cerca de 500 jovens de diversas cooperativas agropecuárias. O tema será “Política e Cidadania: nós devemos ser a mudança que desejamos ver no mundo”.

Segundo Marcelo Martins, da gerência de Desenvolvimento Humano do Sistema Ocepar, este ano o encontro terá características diferentes. Antes mais focado em palestras, desta vez o evento vai trazer atividades vivenciais, estimulando a participação e integração de todos. ■



Foto: Assessoria Ocepar

Eventos nos Estados servirão de base para formar a representação nacional



Geração de empregos, renda, tributos e qualidade de vida para milhares de pessoas

- 2ª maior cooperativa singular do Brasil
- 1,31 milhão de toneladas de produção
- R\$ 1,13 bilhão de faturamento
- 7.702 associados
- R\$ 64,4 milhões em impostos e contribuições
- 4.037 funcionários
- 4 Novas indústrias: Fábrica de Rações, Desativadora de enzima de soja, Industrializados e Abatedouro de Aves



Mais renda, mais empregos, mais benefícios



Protestos

Agricultores fecharam estradas em diversas regiões

Foto divulgação

para sensibilizar o governo

Ao longo do mês, os produtores deflagraram uma série de protestos com o objetivo de chamar a atenção do governo e da sociedade para a situação do campo. Batizado de “Grito do Ipiranga”, o movimento se espalhou por todo o Estado. Concentrados em rodovias de diversos pontos, os agricultores levaram faixas e bloquearam estradas.

A mobilização foi grande e as cooperativas participaram. No caso da Cocamar, cerca de mil funcionários pararam no dia 16 de maio. A diretoria da cooperativa anunciou a decisão de paralisar temporariamente a operação das indústrias em Maringá como forma de apoio ao protesto dos agricultores da região. Algumas unidades já haviam deixado de funcionar anteriormente.

Interromperam atividades seis indústrias, onde são produzidos óleos vege-

tais, café torrado e moído, maioneses, álcool gel e doméstico, sucos e néctares de frutas, bebidas à base de soja, creme e condensado de soja, atomatados e molhos. O presidente da Cocamar, Luiz Lourenço, considerou justo o movimento dos agricultores.

“A insolvência da agricultura está levando muitos ao desespero”, frisou Lourenço, dizendo que o governo federal está demorando muito para apresentar medidas efetivas de apoio ao campo.

Nos últimos anos, segundo ele, os agricultores se descapitalizaram e se endividaram devido aos baixos preços dos produtos agrícolas, os altos custos de produção, o não-cumprimento da política de preços mínimos e as adversidades climáticas. “Só na região de Maringá, a última safra teve uma redução de 30% na produtividade”, afirmou.

Os agricultores também concentraram as manifestações em frente a agências do Banco do Brasil no Paraná. Foram registradas manifestações em 12 cidades – Londrina, Alvorada do Sul, Ibiporã, Apucarana, Rolândia, Arapongas, Jaguapitã, Sertãoópolis, Primeiro de Maio, Jataizinho, Centenário do Sul e Cambé.

Em Alvorada do Sul, todas as agências bancárias, o Correio e as lotéricas foram bloqueados. Os produtores conseguiram adesões importantes. Em vários locais, o comércio fechou em apoio aos agricultores. Em Apucarana e Arapongas, tratores e colheitadeiras ocuparam as calçadas e impediram o acesso de funcionários e clientes.

No dia 25, caminhões e ônibus de transporte coletivo ficaram parados na BR-369 por quase quatro horas, bloqueados pelo protesto.



Foto: Assessoria Corol

Medidas têm vertente positiva e negativa, analisa Koslovski

As medidas de apoio aos produtores, anunciadas pelo governo federal no último dia 25 de maio, têm duas vertentes: uma positiva e uma negativa. A avaliação é do presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski.

“A positiva foi o anúncio de um plano de safra com maior volume de recursos de crédito rural, ampliando em 44% o volume de recursos a juros controlados. Esse sempre foi um problema nos últimos três anos no Brasil, onde nosso custo de captação de recursos por parte do agricultor estava muito alto, acima de 15% ao ano, na média. E com maior volume de recursos a juros controlados de 8,75% ao ano, efetivamente, se vai baixar o custo do produtor”, analisou Koslovski.

Segundo ele, outro fator positivo foi a redução dos encargos financeiros, dos juros nos programas de investimento como o Finame e o próprio Prodecoop. “Baixando em torno de um ponto percentual é positivo, é importante. Então, de um modo geral, o plano de safra é positivo”, comentou.

Para Koslovski, o grande problema que fica é o do endividamento do passado. “Se o agricultor não conseguir resolver seu problema de endividamento, dificilmente vai ter acesso a essa nova política da safra de verão 2006/2007, porque estará inadimplente perante o agente financeiro”. Então, segundo ele, a solução parcial dos problemas do endividamento, concedendo apenas 50% para o alongamento

direto dos produtores de soja e só 20% no caso do milho realmente, é uma preocupação muito grande, porque o milho foi um dos produtos que mais apresentaram quebra de safra no Paraná.

Além disso, para agravar a situação, algumas culturas não foram inseridas nesse alongamento automático, como a mandioca.

Outro problema que permanece é o financiamento fora do crédito rural. “Aqueles operações em que os fornecedores, as cooperativas se utilizaram de recursos captados fora do crédito rural para financiar os produtores com insumos. Isso preocupa porque o FAT Giro Rural da forma como está saindo, na qual há uma exigência significativa de garantias, um aumen-

to de juros, que é a TJLP mais 4% ao produtor, para os fornecedores e cooperativas é a TJLP mais 8%. É muito alto o custo”, disse.

Koslovski destacou ainda a necessidade de se agilizar as questões estruturais, como a retirada de tributos dos produtos e insumos.

A crise – Para o presidente da OCB, Márcio Lopes de Freitas, que é cafeicultor, a crise é estrutural e a solução para os problemas da agricultura não é uma tarefa apenas para esta gestão. “Não é fácil para fazer sozinho, não é nem tarefa para o atual governo. Precisaremos negociar isso num projeto para termos condição de reverter esse processo”, avaliou.

Dilvo Grolli, presidente da Coopavel, apontou que esta safra que hoje está armazenada nas cooperativas foi plantada com o dólar acima de R\$ 2,30, R\$ 2,40, mas está sendo vendida a quase R\$ 2,10. “Todos os preços praticados hoje, milho, soja, trigo, são preços que não cobrem os custos de produção. Então o agricultor está levando prejuízo e não é só nesta safra, já levou prejuízo na safra passada”.

O presidente da C. Vale, Alfredo Lang, destacou a questão do câmbio. Na visão de Lang, se o câmbio estivesse em torno de três reais o agronegócio não estaria em crise. Já Ari Reisdorfer, presidente da Camisc, destacou que os custos de produção foram muito altos e os produtos valem hoje muito pouco. “Isso gera um descompasso entre despesa e receita, o que está levando os agricultores a uma situação de desespero”, comentou.

Eliseu de Paula, presidente da Corol, comentou que a agricultura é uma indústria a céu aberto e as crises acontecem por isso. “Nós não temos uma política agrícola e se temos não são cumpridas, então isso empurra o produtor para um prejuízo muito grande, não teve garantia de preço mínimo, não teve recurso adequado nem seguro rural. Tudo isso leva o produtor a essa crise. Outro fator está na política cambial”, analisou.

“A crise é brasileira, centro-oeste, Bahia, Paraná. Ela é generalizada e há uma insatisfação muito grande. Vem se acumulando prejuízos de dois, três anos.



Foto: Assessoria Integrada

Em Cambé, trilho de trem também foi bloqueado

Chegou num momento que explodiu, ninguém mais consegue produzir com resultado. Paramos de ganhar dinheiro há dois anos. Tem algumas culturas pontuais que pararam há mais tempo. A crise é tão grave e há uma insensibilidade muito grande do governo que chegou nesse ponto de os produtores rurais, que são ordeiros e pais de famílias, se virem numa situação que não tem mais jeito, que tem que se mobilizar e ir pra rua, trancar ferrovias para sensibilizar onde mais fere, onde mais pega”, lamentou de Paula.

Na opinião dele, é necessário baixar os custo de produção, mudar perfil de preços de mercado. “Temos produtores devendo na cooperativa, tendo duas dívidas até: uma no banco e outra na cooperativa, isso se não está devendo também fora, no mercado. Então, a gente está vendo uma situação lamentável. Tenho notícias graves de produtores do Mato Grosso, do centro-oeste, que tiraram a vida por isso. O País tem solução e o governo tem que entrar como um guarda-chuva mesmo”, concluiu.

Montante de Recursos Disponibilizados (milhões de reais)

PROGRAMAS	2005/06	2006/07	Variação %
CUSTEIO E COMERCIALIZAÇÃO	32.200	41.400	29%
A juros controlados	20.900	30.100	44%
A juros livres	12.300	11.300	- 8%
INVESTIMENTOS	11.150	8.600	- 23%
Moderfrota	5.500	3.000	
Finame Agrícola Especial	500	200	
Proger Rural	100	100	
Demais programas BNDES	3.050	3.100	
Fundos Constitucionais	2.000	2.200	
TOTAL	44.350	50.000	12,50%

Mais um produto da nossa terra para a sua mesa

A Cocamar é uma família. Uma família que faz de um jeito diferente.

Que cuida e está comprometida com todas as etapas do processo

produtivo, desde plantar as sementes na terra até o momento em que

o produto chega na mesa do consumidor. Que respeita e vive em

harmonia com o meio ambiente. Que pesquisa, cria, desenvolve

e se envolve com um mercado cada vez mais exigente. É essa família

que tem o orgulho de apresentar o seu novo filho: o Creme de Soja

Purity. Uma inovação, uma revolução, algo inédito em todo o País.

Um produto para a gente bater a mão no peito e se orgulhar.

Mais um produto com o compromisso de fazer melhor tudo que faz.

livre de colesterol • livre de lactose
rico em proteínas essenciais para a saúde



Coagel tem um cooperado campeão



Foto: Assessoria Coagel

A Coagel Cooperativa Agroindustrial tem em seu quadro de cooperados uma ilustre personalidade do mundo esportivo: o atleta e maratonista Wanderley Cordeiro de Lima, medalha de bronze nas Olimpíadas de 2004, realizada em Atenas, na Grécia. O atleta é associado da Coagel onde atua no entreposto de Cruzeiro D'Oeste, município em que possui uma propriedade agrícola. Além de ser um campeão em várias maratonas em que participou, inclusive a de São Silvestre, Wanderley ficou consagrado nas Olimpíadas de 2004, conquistando a medalha de bronze com o tempo de 2h12m11s. Ele liderava a prova com grande vantagem

sobre o segundo colocado, quando, a poucos metros da linha de chegada, um ex-padre irlandês, Cornelius Horus, atrapalhou a sua corrida, fazendo-o perder mais de vinte segundos, sendo ultrapassado por dois outros atletas. O episódio ficou marcado na história das Olimpíadas e o mundo o consagrou o campeão moral da prova. Recentemente ele esteve na sede da cooperativa, quando foi recebido pela diretoria e parte dos funcionários da cooperativa, ocasião em que recebeu algumas homenagens do presidente da Coagel, Osmar Pomini. O atleta veio a Goioerê a convite da prefeitura municipal e da UEM para fazer o lançamento oficial da 1ª Prova Pedestre do município.

Advogados debatem legislação de cooperativas

Nos dias 16 e 17 de maio, advogados cooperativistas se reuniram em Brasília, na sede da OCB, com o objetivo de debater e alinhar o conhecimento da legislação específica em âmbito nacional. Entre os temas abordados, estavam a aplicabilidade do Regulamento de Licitações e Contratos do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop), com as inovações introduzidas pela Resolução 43/2006, e Cooperativas: aspectos previdenciários – contribuições ao serviço, à Previdência Social e outras obrigações. Participou deste evento o assessor jurídico do Sescoop-PR, Jean Peter Malaquias.

Coagru investe na melhoria das relações no trabalho

A Coagru (Cooperativa Agropecuária União), de Ubitatã, preocupada com o desenvolvimento de seu quadro funcional, aproveitou o período de entressafra, momento em que a movimentação econômica diminui, para investir na capacitação de seus funcionários. No dia 4 de maio, a Cooperativa, com o apoio do Serviço Nacional do Aprendizado do Cooperativismo (Sescoop-PR), promoveu o curso "Saúde Relacional", objetivando a melhoria das relações humanas no trabalho. Durante o treinamento foram abordadas questões sobre comportamento, atritos e bom atendimento. No dia 5, os funcionários participaram do curso "Reuniões Eficazes", tendo em vista a realidade da empresa cooperativa pautada na democracia, pluralidade e participação. Nesse treinamento, o foco principal foi a busca pela nivelção da ação e estabelecimento de linguagem eficiente. Os cursos foram ministrados pelo instrutor Renato Pacholek, do Instituto Markro.

Iapar lança Alerta Geada 2006



Foto: Assessoria Coaimo

Chuvas de granizo como a ocorrida em Palmas (PR), no dia 09 de maio, não estão dentro do alerta

O Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), órgão de pesquisa vinculado à Secretaria de Agricultura e Abastecimento, já colocou em operação o seu Alerta Geada 2006, visando a proteção de lavouras novas (até dois anos de implantação), com previsões diárias de temperatura e do risco de ocorrer geadas capazes de causar danos à cafeicultura. As previsões podem ser acessadas gratuitamente pela internet (www.iapar.br) ou pelo telefone (43) 3391-4500; neste caso, o custo é de uma ligação para aparelho fixo – local ou interurbano. Sempre que há risco de geada, o serviço emite um aviso para os meios de comunicação e para os técnicos e produtores cadastrados. Esse alerta é feito 48 horas antes e confirmado com 24 horas de antecedência. Técnicos e produtores interessados em receber o alerta por e-mail devem se cadastrar pelo endereço alerta_geada@iapar.br.

Votações para o Troféu Agroleite 2006



Já estão abertas as votações para o Troféu Agroleite deste ano e que podem ser feitas através do site do evento ou por encartes distribuídos pela organização. A premiação acontece no Centro de Eventos do Parque de Exposições Dario Macedo, em Castro (PR), às 20h do dia 9 de agosto.

Os interessados em nomear uma empresa, veículo de mídia ou pessoa ligada à Cadeia do Leite podem visitar o www.agroleitecastrolanda.com.br e homenagear os maiores e melhores que se destacam nos segmentos e também conferir os laureados da edição 2005. O Agroleite 2006 acontece de 8 a 12 de agosto. As indicações para o prêmio serão aceitas até dia 10 de julho. Lembramos que na categoria Mídia, a revista Paraná Cooperativo pode ser indicada como veículo de comunicação voltado para o setor cooperativista. Contamos com seu voto!

Presidente da Claspar visita a Ocepar



Foto: Assessoria Ocepar

O presidente da Claspar (Empresa Paranaense de Classificação de Produtos), Valdir Izidoro Silveira, esteve na nova sede da Ocepar no dia 15 de maio, quando foi recebido pelo presidente João Paulo Koslovski. Izidoro, que assumiu o comando da Claspar no dia 11 de março, disse que a entidade é parceira do sistema cooperativista. "As cooperativas formam um segmento importantíssimo da agropecuária paranaense, carro-chefe da produção agropecuária do Estado. E nenhum governo pode fazer um programa, um planejamento em relação ao setor primário, sem ouvir as cooperativas", disse. Izidoro disse que o objetivo da visita foi estreitar laços com o cooperativismo e reiterar que a Claspar continuará a prestar serviços às cooperativas, cada vez com maior eficiência.

Suplementos Minerais Copagrill

Produzidos com perfeito balanceamento e equilíbrio para maior produção, fertilidade e saúde.



Rua 09 de Agosto, 700 - Fone: 45 3284-1111
Marechal Cândido Rondon -

Conheça a Europa sem sair do Paraná



Roteiros que levarão você e sua família conhecer um pedaço da Europa, seus hábitos e costumes, trazidos pelos imigrantes holandeses, eslavos e germânicos.

Pacotes exclusivos que lhe proporcionarão momentos inesquecíveis, passando pelas Colônias Witmarsum, em Palmeira, Castrolanda, em Castro, Batavo, em Carambeí, Entre Rios, em Guarapuava, Arapoti, Ponta Grossa e Prudentópolis.

Uma verdadeira viagem de imersão em cooperativismo, cultura, religião, gastronomia e utilização de modernas tecnologias agrícolas, que tornaram essas regiões modelos de produtividade e de desenvolvimento.

Aceite esse nosso convite, contate hoje mesmo seu agente de viagem ou fale conosco.

Cooptur

Cooperativa Paranaense de Turismo
Rua Julia Wanderley, 415 - Ponta Grossa - PR
Fone: (42) 3223-4771
info@cooptur.coop.br www.cooptur.coop.br



Dirigentes da entidade e diretores do Banco do Brasil se reúnem para avaliar a crise na agropecuária

Ocepar

busca saída para dívidas de agricultores

O diretor de Agronegócios do Banco do Brasil em Brasília, Derci Alcântara, o superintendente no Paraná, Danilo Angst, e oito superintendentes regionais estiveram na Ocepar na manhã do dia 05 de maio para discutir a renegociação das dívidas dos agricultores. A reunião foi solicitada pelo presidente da Ocepar em função da crise que afeta o agronegócio.

Na ocasião do encontro, o presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski, demonstrou preocupação com a indefinição em relação à prorrogação do custeio para este ano. Também falou das dívidas não amparadas pelo crédito rural devido à inexistência de recursos suficientes que levaram um grande número de produtores e as cooperativas a obter crédito no mercado.

O diretor de Agronegócios do Banco do Brasil, Derci Alcântara, reconheceu que a agricultura vive um momento difícil. “Hoje, com raras exceções,

cana-de-açúcar, laranja, café e talvez o fumo, os demais produtos apresentam preços baixos. Além disso, um conjunto de fatores agrava a situação: supersafras mundiais, estoques elevados, preços internacionais em queda, estiagem interna, custos elevados. E o mais grave de todos: o câmbio desfavorável”, afirmou Derci. Já o superintendente do Banco do Brasil no Paraná, Danilo Angst, disse que o banco não vai exigir o comprometimento de toda a receita obtida pelos agricultores para o pagamento das dívidas.

Estudos preliminares indicam que é de aproximadamente R\$ 7 bilhões o montante das dívidas dos agricultores que estão sendo prorrogadas. “Nós ainda estamos estudando, mas não definimos se todas as parcelas de custeio, que foram prorrogadas no ano passado em função da estiagem, serão prorrogadas”, afirmou Alcântara.

O diretor de Agronegócios do BB deixou clara a preocupação das autoridades e do próprio banco com a falta de renda

dos agricultores. “Este é um momento onde o produtor está tendo prejuízo. Por mais que ele tenha boa renda e boa produção, eventualmente ele consegue pagar o seu custeio, mas não consegue remunerar todos os fatores de produção”, frisou.

Apesar da crise atual do setor, Derci Alcântara mostrou que o momento é passageiro. “O Banco do Brasil tem a dizer que sempre foi parceiro do setor e que continuará sendo. Não é por uma dificuldade, que por hora está muito agravada, que o Banco do Brasil vai diminuir a sua participação no setor. Nós temos quase 60% de tudo o que é financiado e queremos continuar com essa participação”.

Além dos superintendentes regionais do Banco do Brasil, também participaram do café da manhã, o superintendente do Sistema Ocepar, José Roberto Ricken, o assessor da diretoria, Wilson Thiesen, os gerentes Leonardo Boesche, Flávio Turra, Gerson Lauermann, José Ronkoski e Samuel Milléo Filho. ■



Diretor de agronegócios do BB, Derci Alcântara (centro), reconheceu as dificuldades do setor

Foto: Assessoria Ocepar



Foto: Assessoria Ocepar

Cooperativismo ganha nova sede

Solenidade marca o retorno da entidade para antigo endereço, depois da reforma e ampliação de suas instalações

Durante solenidade simples realizada no final da tarde do dia 24 de abril, sem a presença de autoridades, a Ocepar inaugurou suas novas instalações. A cerimônia foi acompanhada por mais de 100 dirigentes cooperativistas que participaram também da Assembléia Geral Ordinária realizada na mesma data, e que contou com a presença dos presidentes da OCB, Márcio Lopes de Freitas, da Faep, Ágide Meneguette, e da Fecomércio, Darci Piana. “Fizemos uma solenidade simples, apenas com pessoas da casa e diretores, pois vivemos um momento de grandes dificuldades no setor agropecuário”, justificou o presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski.

Novas instalações – O endereço da nova sede é o mesmo desde 1975: avenida Cândido de Abreu, 501, no Centro Cívico. Em meados de 2004, a Ocepar

mudou para uma sede provisória localizada a três quadras, enquanto foram executadas as obras de ampliação. Foi mantido o prédio do auditório, de dois pavimentos, e demolido o casarão antigo, que estava com suas estruturas comprometidas. Em seu lugar, foi erguido um edifício de quatro pavimentos, em anexo ao prédio do auditório. A nova sede tem agora 1.771 m². O pavimento térreo ficou reservado para eventos diversos, distribuídos em quatro ambientes com capacidade para abrigar 250 pessoas ao mesmo tempo.

Apoio das cooperativas – A obra foi construída com recursos de todas as cooperativas filiadas à Ocepar “e uma contribuição suplementar de 36 cooperativas no valor de R\$ 1,25 milhão, tornando nossa sede uma realidade”, afirmou o presidente da entidade, João Paulo Koslovski. As cooperativas que contri-

buíram com recursos adicionais para a realização das obras estão relacionadas numa placa colocada junto ao hall de entrada do novo prédio.

Os 35 anos da Ocepar – Em seu discurso proferido ao final da assembléia geral, João Paulo Koslovski, lembrou que a Ocepar é resultado do trabalho “importante e fundamental realizado pelos ex-presidentes Guntolf Van Kai-ck, Benjamin Hammerschmidt, Wilson Thiesen, Ignácio Aloisio Donel e Dick Carlos de Geus. Pessoas sérias e comprometidas com os ideais cooperativistas que implementaram uma linha de desenvolvimento estratégico para o setor, tornando a entidade como estrutura de suporte às ações de reivindicações e defesa técnico/política junto aos governos estadual e federal”.

Cooperação e determinação – Koslovski disse ainda que “uma análise dos

35 anos de organização cooperativista através da Ocepar deixa claro que muitos foram os desafios superados, onde prevaleceu sempre o espírito de cooperação e determinação. Foram várias as crises na economia que se sucederam, ora por causa de decisões políticas adversas ao cooperativismo, ora por causa dos planos econômicos ou até mesmo da nossa incapacidade de antecipar as mudanças exigidas pelo mercado”.

Durante seu pronunciamento realizado quase ao final da AGO da Ocepar, o presidente da OCB, Márcio Lopes de Freitas, fez um relato das ações da OCB

e da Ocepar em relação às medidas de apoio ao setor cooperativo agropecuário e à nova lei cooperativista. Sobre as medidas anunciadas pelo governo federal em apoio ao setor, em função da crise econômica, repetiu que o sistema cooperativista continua atuando junto às autoridades para ampliá-las.

Agradecimento a Osmar – Freitas também fez um histórico do esforço que vem sendo feito desde a promulgação da nova Constituição, em 1988, pela OCB e organizações estaduais de cooperativas, para a reforma da Lei do Cooperativismo nº5764. Destacou o proje-

to do senador Osmar Dias, que incorporou textos de projetos apresentados por outros parlamentares, para apresentar uma lei moderna e coerente com a Constituição e com a doutrina cooperativista, mas que não vem obtendo apoio de setores que não concordam com a unicidade do sistema. “Quero aproveitar para fazer um agradecimento total a esse fantástico político chamado Osmar Dias, um homem leal, comprometido, fechado com o movimento cooperativista do País. Quero externar o reconhecimento de todo o cooperativismo brasileiro”, frisou Freitas.



Márcio Lopes de Freitas, da OCB, João Paulo Koslovski, da Ocepar (ao centro) e dirigentes cooperativistas paranaenses durante inauguração da nova sede

Foto: Assessoria Ocepar



Foto: Assessoria Ocepar

Sistema Ocepar presta contas e planeja atividades de 2006

Antes da solenidade de inauguração da nova sede, o Sistema Ocepar/Sescoop realizou a Assembléia Geral Ordinária de 2006. O encontro reuniu mais de 100 representantes de cooperativas do Paraná, que discutiram o balanço e o demonstrativo dos resultados obtidos em 2005, além de debater e deliberar sobre as ações previstas para o ano vigente. O presidente da OCB, Márcio Lopes de Freitas e o presidente da Faep, Ágide Meneguette prestigiaram o evento.

Os trabalhos da AGO foram coordenados pelo presidente João Paulo Koslovski, que, após convocar os membros da diretoria para compor a mesa, solicitou um minuto de silêncio em respeito aos cooperativistas falecidos. A realização da AGO no anfiteatro da nova sede do Sistema Ocepar foi considerada por Koslovski um momento especial para o sistema, que conta agora com uma estrutura condizente

com a importância do cooperativismo.

Três pautas foram temas da Assembléia deste ano, começando pela divulgação e discussão do Relatório de Atividades e Prestação de Contas 2005, com a apresentação dos pareceres de auditorias. O segundo item a ser debatido foi Metas e Orçamentos para 2006, finalizando com Assuntos Gerais.

O superintendente da Ocepar/Sescoop, José Roberto Ricken, deu início à apresentação do Relatório, com ênfase aos avanços obtidos pela gestão política e técnica da entidade. Entre as conquistas citadas pelo dirigente, estão ações vitoriosas para a desoneração fiscal junto ao governo federal e estadual, aprovação da Lei de Biossegurança e criação ou ampliação de programas para investimentos, como o Prodecoop e o Prodeagro. Ricken também detalhou o desempenho dos vários ramos que compõem o sistema cooperativista.

As ações na área sindical foram apre-

sentadas pelo superintendente adjunto da Ocepar, Nelson Costa, que citou o trabalho desenvolvido para a concessão de registros sindicais, atuação sindical em convenções coletivas, entre outros acompanhamentos.

Em seguida, o gerente administrativo e financeiro da Ocepar, José Roncoski, apresentou o balanço patrimonial e demonstrativo do sistema para o exercício de 2005. Com pareceres favoráveis de auditoria externa e do conselho fiscal, o relatório foi aprovado por unanimidade pelos participantes da Assembléia.

Os cooperativistas também discutiram as metas e objetivos para o ano de 2006, que serão centradas em ações políticas e técnicas, visando o fortalecimento do sistema e o desenvolvimento de programas e projetos que protejam e garantam o crescimento sustentável e duradouro das cooperativas do Paraná. ■

o ABC do campo ensina grandes lições.

meta



Treinamento de Funcionários

O constante desenvolvimento técnico, educacional e social dos cooperados e funcionários é uma das iniciativas da Coamo para gerar crescimento e riqueza.

Na Coamo, a educação e a formação da família cooperativista são fatores fundamentais para que o homem do campo e seus familiares ganhem mais qualidade de vida e satisfação no dia-a-dia.

Com isso, mais de 60.000 pessoas, anualmente, têm a oportunidade de trocar experiências e aprendizado nos cerca de 1.600 eventos realizados pela cooperativa.

Assim, mais de 100.000 pessoas entre cooperados, funcionários e familiares multiplicam resultados, com união, trabalho e a confiança em um futuro melhor.



Jovens Líderes Cooperativistas



Cooperados - Sucesso em família



Difusão de Tecnologias aos Cooperados

COAMO
AGROINDUSTRIAL COOPERATIVA
Forte como o homem do campo.



Foto: Assessoria Frimesa

Cooperativas

também investem no varejo

Frimesa, Copacol, Coamo e Lar apresentam novidades na feira supermercadista

Entre as mais de 160 empresas que participaram da 25ª edição da Mercosuper (Feira e Convenção Paranaense de Supermercados), quatro cooperativas tiveram presença destacada no evento. Frimesa, Copacol, Coamo e Lar demonstraram seus produtos para o varejo na feira supermercadista, que ocorreu de 23 a 25 de abril, no Expo-trade Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba. De acordo com a organização, a Mercosuper movimentou neste ano cerca de R\$ 500 milhões em negócios. Numa das áreas temáticas da feira, destinada aos produtores de queijos, vinhos e destilados, também esteve presente a Copercachaça, que divulgou sua recém-lançada cachaça artesanal Quati.

O processo de industrialização das cooperativas paranaenses, que teve forte impulso nos últimos dez anos, agrega valor à produção dos cooperados e ameniza o impacto das sucessivas crises que afetam a agropecuária. A presença de produtos das cooperativas nas gôndolas dos supermercados brasileiros se acentua a cada ano. Dados da Ocepar mostram que as vendas no varejo já respondem por 15% do faturamento total do sistema cooperativista do Paraná. Entre as mercadorias comercializadas, destaque para frangos, suínos e derivados, sucos à base de soja e frutas, farinha de trigo, óleo de soja, margarinas, café, leite, queijos e iogurtes. Em 2005, os negócios no varejo geraram R\$ 2,4 bilhões de receita ao setor.

Segundo o gerente técnico e econô-

mico da Ocepar, Flavio Turra, a participação das cooperativas no varejo tende a se intensificar. “Novas linhas de produtos são lançadas de forma constante, conquistando espaço nas gôndolas dos supermercados do País. É o resultado de investimentos do setor cooperativista num processo agroindustrial que prima pela qualidade e que considera as potencialidades produtivas de seus cooperados”, explica.

Conforme Turra, a participação das cooperativas em feiras como a Mercosuper é uma oportunidade para estreitar o relacionamento com os supermercadistas e prospectar novos negócios. “Aumenta a proximidade com os clientes e melhora a percepção da marca da cooperativa”, conclui.

Copacol



Foto: Assessoria Frimesa

A Copacol lançou na Feira sua nova linha de cortes de frangos temperados

A Copacol lançou na Mercosuper 2006 sua nova linha de cortes de frangos temperados. Uma das maiores produtoras de carne de frango do Paraná, a cooperativa quer ampliar sua participação no varejo oferecendo mais alternativas para os consumidores. A linha de temperados está disponível em oito diferentes cortes. A Copacol prepara também para o segundo semestre o lançamento da nova identidade visual de seus produtos, que hoje estão presentes nos supermercados em mais de seis estados brasileiros. “Vamos apresentar em breve a nova estratégia de marketing da cooperativa, que vai vincular a qualidade dos produtos Copacol ao resgate de valores essenciais, à reunião da família e dos amigos em torno da boa culinária”, explica o assessor de marketing Mario Vicente.

Coamo



Foto: Assessoria Frimesa

A Coamo apresentou aos supermercadistas as novas embalagens das farinhas, do óleo de soja e do café produzidos pela cooperativa

Em sua sexta participação na Mer-

cosuper, a Coamo apresentou aos supermercadistas as novas embalagens das farinhas, do óleo de soja e do café produzidos pela cooperativa. A Coamo concentra forças na ampliação do mercado para suas cinco linhas de produtos ao varejo, com 22 itens, já disponíveis para os consumidores no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. “Entendemos que a participação na Mercosuper é uma oportunidade para estreitar o relacionamento com os supermercadistas, conversando e conhecendo com mais proximidade as demandas do segmento”, observa o gerente de alimentos da Coamo, Domingos Miguel Marzulli.

Frimesa



Foto: Assessoria Frimesa

A Frimesa apresentou 13 lançamentos entre iogurtes em copo, queijos tradicionais e processados

Para a edição deste ano da Mercosuper, a Frimesa apresentou 13 lançamentos entre iogurtes em copo, queijos tradicionais e processados. A cooperativa também fez a apresentação das novas embalagens para seus produtos, com designer moderno e colorido. A Frimesa prepara o lançamento de outros 13 itens que, ainda em 2006, deverão estar disponíveis nas gôndolas dos supermercados do País. Para o gerente comercial da cooperativa, Mauro Strey Kramer, a participação em feiras como a Mercosuper amplia a relação com os supermercadistas. “É uma maneira de reforçar os contatos com os atuais parceiros, criando também perspec-

tivas de novos negócios”, afirma. De acordo com Kramer, a atuação no setor de varejo confere mais estabilidade à cooperativa, que se torna menos vulnerável a crises cíclicas que costumam afetar o setor de *commodities* agrícolas. “Com atuação forte no mercado interno de varejo, estimulamos a agroindústria e agregamos valor à produção, o que favorece a rentabilidade do cooperado”, avalia.

Lar



Foto: Assessoria Frimesa

A Lar apresentou seus dois novos produtos: a polenta e o pão-de-queijo congelados

Na 25ª edição da Mercosuper, a Lar apresentou seus dois novos produtos: a polenta e o pão-de-queijo congelados. Em embalagens de 400 gramas, os lançamentos podem ser encontrados nas versões palito ou pedaços, nos sabores tradicional, calabresa e provolone (polenta). No pão-de-queijo, os sabores disponíveis são o tradicional e o pepperoni. A cooperativa conta hoje com 150 itens para o varejo, com participação nos mercados do sudeste, sul e centro-oeste. Segundo Marcos Teodoro, responsável pela área de vendas no mercado interno, a Lar mantém uma política de expansão contínua de atuação no varejo. “A cooperativa possui filiais em São Paulo, Rio de Janeiro e em breve também no Rio Grande do Sul. O objetivo é comercializar com os parceiros de forma direta, sem distribuidores. Também investimos na diversificação, para que os cooperados tenham mais alternativas de obter melhor rentabilidade em sua atividade”, conclui.

Sabores da Sicília

Um estande chamou a atenção dos visitantes pela diversidade e qualidade de seus produtos. Vinhos, azeites de oliva, massas, doces e enlatados, entre outros produtos de alto padrão, produzidos na Sicília, sul da Itália, foram apresentados ao público da Mercosuper. Na origem dos produtos, nenhuma multinacional ou grande corporação, mas sim pequenos agricultores da região. Cooperativas e microempresas sicilianas reunidas em consórcio que exportam para toda a Europa e agora iniciam suas vendas também no Brasil. Segundo Antonio Alamia, presidente do Consorzio Sicilia Produce, a central de exportação abrange mais de 1.200 coo-



Cooperativas e microempresas sicilianas, reunidas em consórcio, demonstraram seus produtos na feira supermercadista

Foto: Assessoria Ocepar

perados. “Foram realizados investimentos na criação de um plano de marketing para o grupo e no desenvolvimento e designer de embalagens, além de um projeto de expansão das vendas para os produtos do consórcio”, explica.

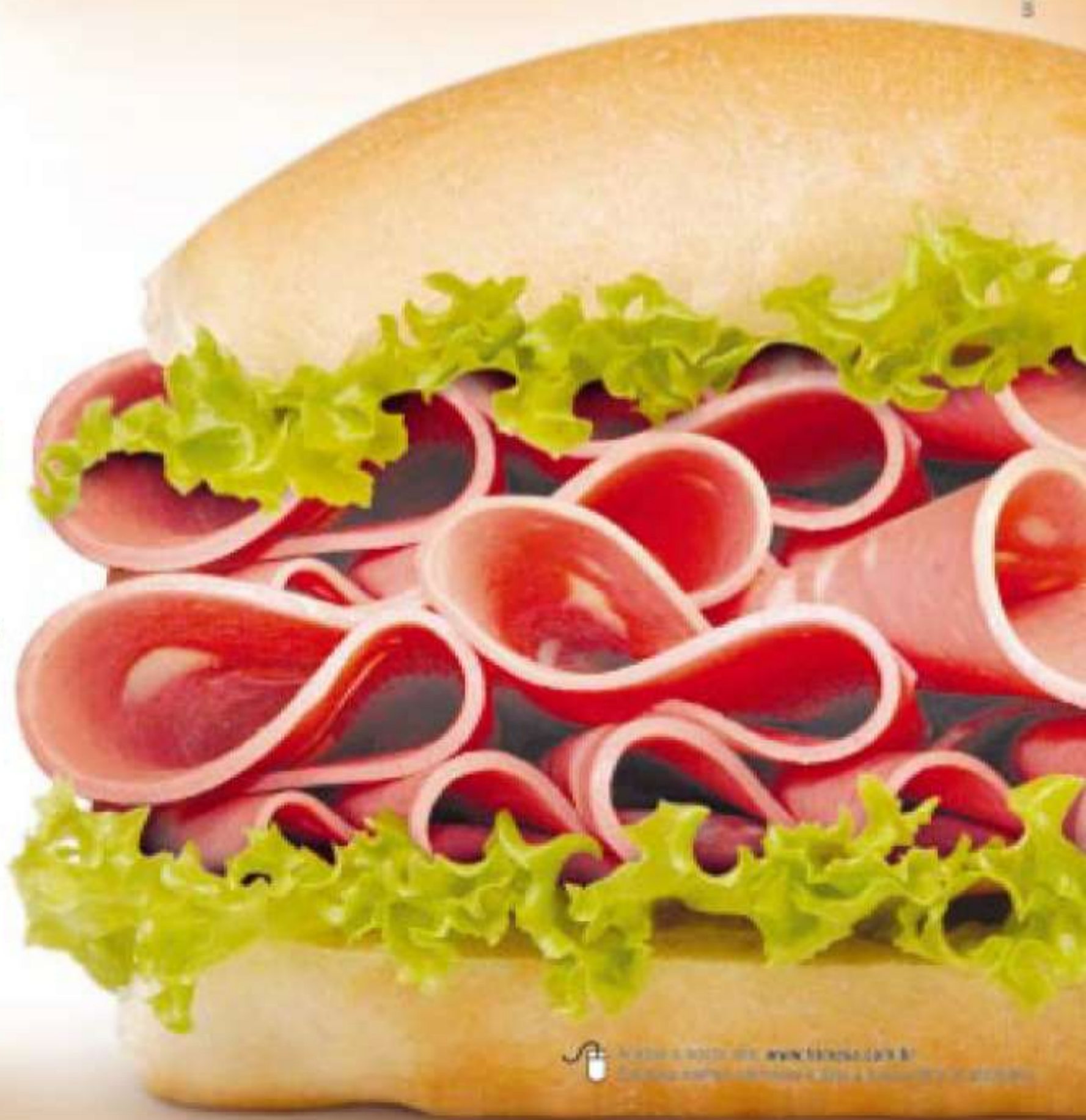
Composto por produtos premiados, a iniciativa siciliana demonstra que pequenos

agricultores, unidos em torno do cooperativismo, podem desenvolver parcerias que ampliam os horizontes de sua atividade. Conforme a representante do grupo no Paraná, Élide de Oliveira, em breve o consórcio deverá abrir uma loja em Curitiba. “O consumidor terá acesso ao melhor dos tradicionais sabores da Sicília”, conclui. ■

Frimesa

Um exagero de sabor

A Frimesa está lançando a **Mortadela Defumada Tipo Bologna**. Um produto elaborado com carnes selecionadas e tempero ideal. **Experimente essa delícia.**



CERTIFICADO DE ORIGEM.



Plantando sementes certificadas você começa a ter muitas vantagens desde o plantio: maior potencial produtivo, melhor germinação e variedades tolerantes a certas doenças.

A semente certificada é desenvolvida especialmente, para o solo e o clima de cada região. As procedentes de outros países foram desenvolvidas para outro tipo de solo, plantio e condições climáticas: características

muito diferentes das do nosso estado. Se você quer segurança e rentabilidade, compre sementes com origem garantida. Você ganha tranquilidade e a colheita ganha valor.

Plantando sementes certificadas, quem ganha é você.

OCEPAR
Organização das Cooperativas
do Estado do Paraná





Pimentel avalia que há desinteresse do poder público em relação aos problemas do campo

Ocepar e GPP lançam campanha de valorização do agricultor

Paulo Pimentel recebeu Medalha do Mérito Cooperativo

N dia 22 de maio, foi lançada a campanha em apoio aos agricultores “Campo, a empresa que movimenta a cidade. O agricultor merece respeito”. A campanha, composta por VTs e anúncios para mídia impressa, foi realizada numa parceria entre a Ocepar e o Grupo Paulo Pimentel (GPP), que veicula as peças sem custo para o cooperativismo na TV Iguaçu, TV Cida-

de, TV Naipi e TV Tibagi, e também nos jornais O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná.

O objetivo das peças publicitárias é demonstrar ao meio urbano a importância do agricultor na produção de alimentos.

A solenidade de lançamento foi realizada na sala de reuniões da diretoria da Ocepar, com a presença do presidente

João Paulo Koslovski e membros da diretoria, o presidente do GPP, Paulo Pimentel, a diretora administrativa e financeira, Vera Lucia L. Pimentel, e os diretores Daniel Pimentel Slaviero, Ney Emílio Braga Alves e Rodrigo Florenzano.

Os passos da crise – No início do evento, Koslovski fez uma explanação dos problemas da agricultura, frisando que o Paraná é o Estado mais prejudicado, tendo



Fotos: Assessoria Ocepar

Dirigentes e convidados assistem as peças da campanha

perdido nos últimos dois anos mais de 10,3 milhões de toneladas de alimentos, o que equivale a cerca de meia safra anual. Koslovski destacou a perda de renda do agricultor, pois os insumos subiram mais que os preços dos produtos.

A Ocepar vem alertando as autoridades sobre a crise desde o início do ano passado. No dia 25 de fevereiro de 2005, foi encaminhado um ofício ao presidente Lula, alertando sobre a crise. O documento já previa o aumento dos custos de produção, forte retração nos preços dos produtos no mercado internacional, clima adverso e políticas de crédito insuficientes, entre outros pontos. As previsões se confirmaram e agora a Ocepar articula estratégias para conter os efeitos da crise no campo. No Paraná, o cooperativismo agropecuário representa cerca de 53% da economia agrícola do Estado.

A campanha de valorização dos produtores é uma das várias ações da Ocepar contra a crise que afeta a agropecuária. Além da campanha, estão sendo feitos contatos com as autoridades em Brasília, elaborados estudos, entre outras providências. O material da campanha foi

mostrado ainda aos ministros Paulo Bernardo (Planejamento) e Roberto Rodrigues (Agricultura).

Mérito Cooperativo – Ao agradecer a iniciativa do GPP em fazer a veiculação gratuita da campanha, o presidente da Ocepar lembrou que Paulo Pimentel, além de homem público, tem uma história de defesa do agronegócio como secretário da Agricultura do governo de Ney Braga e governador. Em reconhecimento às ações de Pimentel em defesa das causas da agricultura e do cooperativismo, a diretoria da Ocepar concedeu ao ex-governador a Medalha do Mérito Cooperativo, que foi entregue pelo diretor da organização e vice-presidente da OCB, Luiz Roberto Baggio.

Em seguida, o coordenador da assessoria de imprensa da Ocepar, Samuel Milléo Filho, fez a apresentação das peças, informando que as mesmas estão sendo veiculadas sem custo pelas emissoras e jornais do GPP: cinco versões de VT's (de 60 e 30 segundos) e quatro anúncios para jornal. Os vídeos foram produzidos pela equipe da Opus Múltipla com a participação de um ator – Zeca Cenovicz – e de agricultores da região da Lapa.

Do VT sobre o leite, fez parte o produtor Williams Vidal Hendrikx. Avelino Antônio Diogo dos Santos participou do VT dos grãos e João Koslovski, da peça sobre a produção de frangos.

Porta-voz da agricultura – Pimentel fez um pequeno histórico de sua atuação como secretário da Agricultura (1961-65) e governador (1965-71), quando enfrentou o problema da substituição das lavouras de café por soja e algodão. Relatou seus encontros recentes com o presidente Lula e com o governador Roberto Requião, quando falou da crise vivida pelo setor agropecuário e pediu providências. Disse que nota um desinteresse do poder público brasileiro aos problemas do campo, enquanto os agricultores dos EUA e da Europa têm programas de incentivo, pagam juros insignificantes e têm excelente seguro da safra. Disse que se sente feliz em poder dar sua contribuição com essa campanha, na defesa dos interesses do campo. “Queremos que vocês sejam vencedores. Vamos gritar. Quem não grita não é ouvido. Daqui pra frente queremos pertencer ao exército de vocês. Queremos ser o porta-voz”, concluiu Pimentel. ■



Evento contribui com informações importantes para a elaboração de estratégias adequadas ao difícil momento

Foto: Assessoria Ocepar

Perspectivas

conturbadas para o ano

Fórum de Mercado e Financeiro discute economia brasileira e projeta cenário pessimista para a agropecuária brasileira

A conjuntura macroeconômica mundial e as perspectivas do agronegócio brasileiro foram temas discutidos durante o Fórum de Mercado e Financeiro, promovido pelo Sistema Ocepar nos dias 27 e 28 de abril, no Auditório da entidade, em Curitiba. Direcionado a dirigentes, gerentes comerciais e financeiros, e operadores de mercado das cooperativas paranaenses, o evento contou com a participação de economistas e especialistas de renome nacional, que analisaram as tendências para

a safra 2005/06, o balanço de oferta e demanda, a evolução dos preços, o perfil de comercialização e as negociações internacionais (OMC, Mercosul, Alca e UE).

O Fórum foi aberto pelo superintendente do Sistema Ocepar, José Roberto Ricken, que considerou a realização do evento um importante instrumento de discussão e debate. Ricken enfatizou ainda a preocupação da Ocepar com a grave crise que afeta o setor agropecuário do País. “O câmbio está penalizando duramente um setor fundamental para a eco-

nomia do Brasil. Além disso, várias despesas que oneram a atividade não dependem dos produtores, como a excessiva carga tributária e a infra-estrutura precária”, afirmou.

De acordo com Ricken, a análise de cenários macroeconômicos contribuiu para que os profissionais das cooperativas elaborem estratégias e ações adequadas ao momento. “Este é o primeiro fórum do ano e pretendemos realizar quantos forem necessários para a discussão e o debate de temas de relevância ao setor coo-

perativista”, disse.

Após a abertura, o economista e professor da Unicamp, Luciano Coutinho, deu início à palestra com o tema “Macroeconomia Brasileira para 2006”. Na avaliação do especialista, nada indica que mudanças mais contundentes ocorram na condução da política econômica do País. “O Banco Central deveria intervir com mais agressividade no câmbio. Porém, trabalhamos com uma projeção da taxa para o fim do ano em torno de R\$ 2,20”, afirmou.

Segundo Coutinho, o setor agropecuário deve fazer um “esforço de sobrevivência” para diminuir custos. “A valorização prolongada do Real pode obstruir e mutilar as oportunidades de crescimento competitivo da economia brasileira. O segmento agrícola deve prosseguir com a pressão política para tentar modificar o complicado quadro atual”, enfatizou. “Também é necessário a redução drástica dos custos gerenciáveis, com uma gestão eficiente da atividade, para suportar este período de câmbio desfavorável”, concluiu.

Segurança Alimentar – Marco Antônio de Andrade, diretor-presidente da Prodeg, falou sobre o tema “Gestão da Segurança na Cadeia Alimentar – ISO 22000”. Andrade destacou a necessidade do mercado por maior segurança alimentar, garantindo marcas de segurança diferenciadas. Citando doenças comuns que prejudicam o setor, como a febre aftosa e a salmonela, Andrade disse que há pouco tempo não se falava em gripe aviária, e agora essa doença – que iniciou na Ásia – está desempregando pessoas no Interior do Paraná e em Santa Catarina. O palestrante afirmou que são registrados, em todo o mundo, 1,5 bilhão de casos de infecção alimentar por ano. O número revela a importância dos investimentos em segurança alimentar, pois “a garantia de qualidade para o comprador traz benefícios comerciais – como fidelização de clientes e credenciamento para exportações –, além de benefícios na gestão, entre eles maior competitividade”. Ao final da palestra, o gerente técnico e econômico da Ocepar,

Flávio Turra, frisou que as cooperativas estão preocupadas com qualidade e investindo nessa área.

Safra – André Pessoa, diretor-presidente da Agroconsult, falou sobre as tendências de comercialização e preços da safra de soja e milho 2005/2006. Segundo Pessoa, uma eventual redução mais rápida da taxa de juros e uma recuperação do valor do dólar seriam como injeções de glicose na veia para a agricultura. “Mas eu acredito que isso não aconteça, acredito que vamos seguir com essa mesma política durante pelo menos mais essa safra”, observou. “A partir do próximo ano, seja quem for o presidente, acredito que teremos uma mudança de rumo na política, mais lento se for com o mesmo governo, e mais rápido se for com a oposição, e aí começaremos a construir o caminho para sair dessa armadilha”, completou. Pessoa prevê que os efeitos positivos de uma nova política econômica sobre os mercados para a safra só estarão presentes em 2007/2008. ■

Opinião de especialista



“A valorização prolongada do Real pode obstruir e mutilar as oportunidades de crescimento competitivo da economia brasileira. O segmento agrícola deve prosseguir com a pressão política para tentar modificar o complicado quadro atual”.

Luciano Coutinho



“Investimentos em segurança alimentar são garantia de qualidade para o comprador e trazem benefícios comerciais – como fidelização de clientes e credenciamento para exportações –, além de benefícios na gestão e maior competitividade”.

Marco Antônio de Andrade



Fotos: Assessoria Ocepar

“A partir do próximo ano, seja quem for o presidente, acredito que teremos uma mudança de rumo na política econômica, mais lento se for com o mesmo governo, e mais rápido se for com a oposição, e aí começaremos a construir o caminho para sair dessa armadilha”.

André Pessoa

Legislação ambiental para aves e suínos

Objetivo do evento foi esclarecer dúvidas das cooperativas



Na abertura do evento, Ricken fez uma explanação sobre a crise

Foto: Assessoria Ocepar

Cerca de trinta integrantes dos departamentos técnicos das cooperativas agropecuárias do Paraná se reuniram no Hotel Alta Régia, em Curitiba, no dia 11 de abril, para discutir licenciamentos de avicultura e bovinocultura, legislação ambiental e as ações da Ocepar nessa área.

A abertura do Fórum Técnico Meio Ambiente 2006 foi feita pelo superintendente do Sistema Ocepar, José Ro-

berto Ricken, que apresentou um panorama da crise enfrentada pelos produtores do Paraná. Segundo Ricken, a crise surgiu de uma combinação de fatores, entre eles o clima desfavorável e o reflexo do dólar, que geraram perda de renda. “Em duas safras, perdemos mais de dez milhões de toneladas de grãos. Isso é quase 50% de uma safra”, disse. Em relação às medidas de socorro anunciadas recentemente pelo governo federal, o su-

perintendente avaliou que a maior conquista foi na área dos investimentos, o que trouxe um certo alívio aos produtores, mas em relação ao custeio as providências foram insuficientes.

Gustavo Sbrissia, analista técnico-econômico da Ocepar que conduziu o evento, destacou que o fórum teve como função esclarecer dúvidas das cooperativas sobre as novas Resoluções do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) e assuntos

específicos de legislação.

Pela manhã, os assuntos tratados foram a Instrução Normativa sobre o licenciamento para a avicultura e bovinocultura, além das Resoluções do IAP que tratam de automonitoramento do ar e de efluentes líquidos. Os responsáveis pelos esclarecimentos nessas áreas foram Ivonete Coelho da Silva Chaves, Luciana Sicupira Arzua e Rossana Baldanzi, do IAP, e Andréas Grauer, consultor do Instituto Ambiental.

Efluentes – Segundo Sbrissia, a Resolução 019 do IAP, publicada em fevereiro de 2006, trata da necessidade de automonitoramento de efluentes com potencial poluidor. A Resolução abrange atividades industriais, agropecuárias, serviços, aterros para resíduos industriais e Urbanos e Estações de tratamento de Esgoto. A frequência do monitoramento dos efluentes pode variar de quinzenal a semestral, de acordo com a classificação da atividade.

“Entendemos que o IAP está atendendo à Resolução 357 do Conama, mas, mais uma vez, a crítica do setor está em cima do prazo para adequação. A situação do campo não está fácil. Trazer novos custos, sem um prazo plausível para as adequações, é promover um suicídio das nossas agroindústrias”, disse. “As cooperativas têm trabalhado e evoluído muito na qualificação dos técnicos e nas adequações ambientais necessárias, mas falta uma sensibilidade dos órgãos ambientais com relação a prazos e custos envolvidos”, avaliou Sbrissia.

Na parte da tarde os participantes ouviram o advogado e agrônomo César Soares. Ele falou sobre as legislações que restringem o plantio de sementes de soja OGM em áreas de amortecimento. O plantio nessas áreas é proibido por lei federal desde 2003.

Segundo Sbrissia, a questão dos riscos da transgenia já foram muito bem estudados e fundamentados, sendo que a

vedação do plantio de sementes de soja geneticamente modificadas em áreas de amortecimento é inaceitável.

“Temos o documento 54 da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTN-Bio), publicado no Diário Oficial da União Nº 188 de 01.10.98, Seção 3, página 56, que concluiu que não há evidências de risco ambiental ou de riscos à saúde humana ou animal, decorrentes da utilização da soja geneticamente modificada em questão”, finalizou o analista da Ocepar.

Realidade das cooperativas – Itamar Cassol, coordenador da Gestão Ambiental da Frimesa, um dos participantes do evento, disse que o fórum é importante porque cria a oportunidade para as cooperativas debaterem suas questões ambientais diretamente com os órgãos responsáveis. “Podemos falar sobre nossa realidade, que é diferente da realidade de uma multinacional, por exemplo”, comentou Cassol. “Assim melhoramos nossa forma de trabalho”, completou. ■

Pensar nas pessoas, é pensar num futuro melhor para todos! ESTA É A NOSSA MISSÃO.

A Cooperativa Agroindustrial Bom Jesus, com sede no município da Lapa (PR), há 52 anos ao lado do homem do campo garante o sucesso da cadeia do agronegócio nas regiões onde atua.

Com trabalho sério, ético e organizado, a cooperativa colabora de forma direta para o desenvolvimento sócio-econômico regional.

Presente em 10 municípios com estruturas de atendimento, a cooperativa presta os mais diversos serviços para seus 2.650 cooperados.

Por tudo isso, a cada ano que passa, a Bom Jesus apresenta avanços significativos no seu balanço econômico e social, sempre com os olhos voltados para promoção do ser humano.



COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL BOM JESUS



Cooperativa Agroindustrial Bom Jesus.

Rodovia do Xisto (BR 476), s/n - km 196 - Olaria. CEP: 83750-000 Lapa-PR. Fone (41) 622-1515

www.cooperativabomjesus.com.br cooperativabomjesus@cooperativabomjesus.com.br

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE AGRICULTURA
 PROJETO Nº 15
 SERVIÇO DE EXTENSÃO RURAL



Emater : Na década de 60, inauguração de um dos primeiros escritórios

Foto: Acervo Emater-PR

Há 50 anos desenvolvendo a extensão

O cooperativismo, um dos focos da extensão rural, contou com a parceria constante da Emater

Para comemorar os 50 anos de atuação no Estado, a Emater Paraná promoveu, durante o mês de maio, uma série de eventos relacionados com a sua história. As comemorações foram concluídas com uma grande solenidade realizada no último dia 23 quando foram prestadas homenagens aos ex-dirigentes, funcionários e representantes de instituições que, durante meio século, foram parceiras da extensão rural. A primeira turma de profissionais do então projeto ETA, de 1956, foi lembrada com uma homenagem a Rubens Rezende. Ex-presidentes e empresas parceiras da Emater também foram lembrados. Antonio Leo-

nel Poloni falou em nome dos ex-secretários da Agricultura do Estado. Ele observou que ninguém pode esquecer o que a extensão rural fez na história do agronegócio do Paraná. "A Emater é um dos elementos do processo de desenvolvimento dos agricultores paranaenses", afirmou.

Entre os homenageados, estavam os ex-funcionários e integrantes do sistema Ocepar: João Paulo Koslovski, presidente da Ocepar, José Aroldo Gallassini, presidente da Coamo, Irineo da Costa Rodrigues, presidente da Lar, Valter Pitol, presidente da Copacol, e Wilson Thiesen, representante da Fiep no Conselho

de Administração da Emater. Koslovski e Gallassini, que não puderam comparecer à solenidade, foram representados pelo ex-presidente da Ocepar Guntolf van Kai-ck. O vice-governador Orlando Pessuti, e o deputado federal Moacir Micheletto, ex-funcionários, estavam entre as personalidades homenageadas.

Desenvolvimento – A história da extensão remonta ao ano de 1956, quando foi implantado no Paraná o ETA-Projeto 15, em consequência de um acordo entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos. Atuando junto às famílias rurais, a então Acarpa foi um dos principais agentes de uma verdadeira revolução na agri-

cultura paranaense, transformando-a em modelo para o país. A partir de 1977, a Acarpa mudou sua razão social para Emater – Paraná, o que não alterou a sua missão. Neste período, se consolida no Estado o movimento cooperativista, com a extensão rural fomentando e assessorando dezenas de cooperativas que hoje se destacam na economia estadual. Também foi por meio da ação dos extensionistas que os paranaenses viram expandir o associativismo.

Todas as ações da extensão são importantes. Mas algumas se tornaram destaques, como Proics (Programa Integrado de Conservação de Solos e Águas), que se transformou no gigantesco trabalho de Microbacias Hidrográficas. O programa mudou o panorama da agricultura com a conservação de aproximadamente sete milhões de hectares.

Parcerias – Atualmente a Emater – que passou a ser uma autarquia do governo do Estado com a denominação de Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural – possui cerca de 850 extensionistas, que atuam em todos os 399 municípios paranaenses, percorrendo os caminhos do interior para atender ao agricultor que precisar da orientação de um técnico. Além do enfoque social, destacam-se alguns números obtidos no ano de 2005. O serviço de Extensão atendeu 169.548 produtores rurais, 97,7% agricultores familiares, pescadores artesanais e trabalhadores rurais, evidenciando o comprometimento com as diretrizes federais e estaduais, que dão prioridade a esse público.

O esforço da extensão, em parceria com os sindicatos, resultou na aplicação, em 2005, de R\$ 673,9 milhões, oriundos do Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar (Pronaf), beneficiando 139.700 famílias de agricultores. A Emater atua em mais de 100 projetos técnicos diferentes, programados para alcançar mais de 300 metas diferenciadas. A cada ano os desafios se renovam e a instituição continua a contribuir para o desenvolvimento da agropecuária paranaense.

Reconhecimento – Para o presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski, “não se pode imaginar o cooperativismo paranaense sem a participação da extensão rural da Emater”. Engenheiro agrônomo,



Foto: Assessoria Emater-PR

Koslovski entrou na Emater em 1973, assumindo a chefia do escritório da Lapa e a assessoria de cooperativismo da cooperativa Bom Jesus, conhecida como uma escola do cooperativismo. Quando o presidente Benjamin Hammerschmidt – também da Emater – assumiu a presidência da Ocepar em 1976, Koslovski o acompanhou como diretor executivo. Na Ocepar, conheceu mais profundamente a ligação da extensão com o cooperativismo. “A Emater teve uma importância fundamental na área técnica e na própria gestão das cooperativas. Com isso, o sistema se organizou, se estruturou e foi crescendo”, afirma.

Difusão da ideologia – A Emater foi a grande responsável pela difusão da doutrina e ideologia do cooperativismo, lembra Koslovski. Profissionais treinados se envolveram na orientação para a constituição de cooperativas, no treinamento de dirigentes, conselheiros fiscais e associados. Realizaram também um trabalho específico

de educação cooperativista e treinamento dos conselheiros fiscais. “Eles mostraram aos agricultores a importância do cooperativismo como instrumento de organização e defesa dos seus interesses econômicos e sociais”, concluiu.

A gratidão de Gallassini – “Depois de 35 anos, ser lembrado pelo serviço de extensão, a gente tem que ficar muito orgulhoso e agradecer por essa lembrança. Eu tive origem na extensão rural e sempre valorizei muito essa procedência. É um grande curso de pós-graduação, que dá uma visão muito grande para um recém-formado”. Assim o presidente da Coamo, José Aroldo Galassini, resumiu sua satisfação por ter sido homenageado pela Emater Paraná. Formado em agronomia, Gallassini entrou na Emater em janeiro de 1968. Fez estágio em Imbituva e, ao concluir o pré-serviço, pediu para ser transferido para outra região, indo parar em Campo Mourão.

Importância da Extensão – Ao conhecer a realidade da agricultura de Campo Mourão, Gallassini, que já tinha noções sobre cooperativismo, percebeu que os agricultores precisavam de uma cooperativa para resolver seus problemas de armazenagem e comercialização. Começou a defender a ideia junto aos agricultores em 1968, concretizada em 1969 com a constituição da Coamo. “Foi um projeto que surgiu em função da própria extensão rural”, afirmou. Por isso, diz que as cooperativas do Paraná “têm uma dívida de gratidão com o serviço de extensão rural”. Reconhece a importância do serviço de extensão rural principalmente para agricultores não atendidos por cooperativas, em atividades onde elas não atuam e em novos projetos. Segundo ele, a extensão rural continua sendo um serviço muito importante para o desenvolvimento rural. ■



Foto: Acervo Emater-PR

Cooperativismo

no Brasil

Expansão do sistema é destaque no relatório da OCB

O relatório de atividades da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) apontou um crescimento de 5,35% no número de cooperativas do País. No final do ano passado, a OCB contabilizava o registro de 7.518 cooperativas, frente às 7.136 de 2004. O relatório detalhou, em números, o crescimento dos diferentes ramos do cooperativismo.

O ramo agropecuário fechou o ano com 1.514 cooperativas registradas. A participação no Produto Interno Bruto (PIB) agropecuário permaneceu em 40%. Conforme a avaliação da OCB, o desempenho das cooperativas ficou comprometido porque o clima provocou uma quebra de safra que atingiu todo o setor. Mesmo com o câmbio desfavorável, as exportações diretas das cooperativas agropecuárias somaram

US\$ 2,254 bilhões, com um incremento de 13% em relação a 2004. Houve aumento nas exportações de produtos com maior valor agregado, como açúcar e carnes.

As cooperativas de crédito também tiveram avanços. No ano passado, o Grupo de Trabalho Interministerial, coordenado pelo Departamento de Cooperativismo e Associativismo (Denacoop), vinculado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, discutiu uma linha de financiamento para as cooperativas de crédito, que foi aprovada e já lançada pelo governo. Foi verificado um aumento de participação das cooperativas de crédito nas operações do sistema financeiro nacional. O número de cooperativas registradas chegou a 1.101.

Já no ramo trabalho, o crescimento foi de 5,28% em 2005, totalizando 1.994 cooperativas. Nesse ramo, o empenho do Sistema OCB é para regulamentar as cooperativas de tra-

balho. Já foram estabelecidos critérios para seu funcionamento, que integram uma proposta de projeto de lei apoiada pela Frente Parlamentar do Cooperativismo.

As cooperativas de transporte estão em processo de crescimento, em função do adequado tratamento tributário ao ato cooperativo, que foi estendido às cooperativas de transporte de carga. O ano de 2005 fechou com 783 cooperativas de transporte, o que representa um incremento de 9,51% em relação a 2004.

O ramo turismo e lazer também obteve bons resultados. Os atrativos do País dão sustentação a essa atividade. Segundo a OCB, o crescimento de associados foi de 67,55%.

Já o ramo consumo possui o maior número de associados. São 2.181.112 pessoas, com um crescimento de 19,81% em relação a 2004. Em todo o Brasil são 147 cooperativas de consumo. ■

Números do cooperativismo por ramo de atividade no sistema

Ramo	Cooperativas	Associados	Empregados
Agropecuário	1.514	879.918	123.368
Consumo	147	2.181.112	6.938
Crédito	1.101	2.164.499	20.555
Educacional	319	73.951	3.144
Especial	10	529	-
Habitacional	355	91.299	1.562
Infra-estrutura	160	600.399	5.213
Mineral	44	15.212	52
Produção	173	17.569	323
Saúde	899	287.868	28.599
Trabalho	1.994	425.181	6.506
Transporte	783	50.600	3.411
Turismo e Lazer	19	2.917	9
Totais:	7.518	6.791.054	199.680

Fonte: Sistema de Informações OCB
Elaboração: Gemerc/OCB - 31/12/05

INDICADORES ECONÔMICOS



INDICADORES CONJUNTURAIS DA ECONOMIA

ÚLTIMOS 12 MESES

Indicadores	Unidade	Abr 06	Mar 06	Fev 06	Jan 06	Dez 05	Nov 05	Out 05	Set 05	Ago 05	Jul 05	Jun 05	Mai 05	Abr 05	Ano 05	Ano 04	Ano 03	Ano 02	Ano 01	Ano 00
Taxa inflação	IPCA	0,21	0,43	0,41	0,59	0,36	0,55	0,75	0,35	0,17	0,25	-0,02	0,49	0,87	0,46	7,60	9,30	12,53	7,67	5,97
	IGP-DI	0,02	-0,45	-0,06	0,72	0,07	0,33	0,63	-0,13	-0,79	-0,40	-0,45	-0,25	0,51	0,10	12,13	7,66	26,41	10,40	9,80
Taxa desemp.	%	-	10,40	10,10	9,20	8,30	9,60	9,60	9,60	9,40	9,40	9,40	10,20	10,80	9,83	11,48	12,32	7,14	6,23	7,14
Taxa de Câmbio	R\$/US\$	2,13	2,15	2,16	2,27	2,29	2,21	2,26	2,29	2,36	2,37	2,41	2,45	2,58	2,43	2,93	3,08	2,92	2,35	1,83
Taxa Selic	%	15,70	16,54	17,29	17,65	18,24	18,86	19,25	19,60	19,75	19,72	19,75	19,61	19,32	19,12	17,51	23,37	20,44	19,05	16,19
TJLP	%	8,15	8,15	9,00	9,00	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	11,01	10,00	10,00	9,75
TR	%	0,086	0,207	0,073	0,233	0,227	0,193	0,210	0,264	0,347	0,258	0,299	0,253	0,200	0,233	0,150	0,379	0,231	0,189	0,173
Balança Com.	Bi US\$	3,10	3,68	2,82	2,84	4,35	4,09	3,69	4,33	3,67	5,01	4,03	3,45	3,87	44,76	33,66	24,79	13,12	2,65	-0,70
Res. Internac.	Bi US\$	56,55	59,82	57,41	56,92	53,80	64,28	60,24	57,01	55,08	54,69	59,88	60,71	61,59	58,52	52,93	46,56	37,06	35,87	33,01

Fonte: FGV, IBGE, Bacen, Mdic-Elaboração: Ocepar/Getec – fevereiro/2006.

INDICADORES DE PREÇOS DO AGRONEGÓCIO

ÚLTIMOS 12 MESES

Indicadores	Unidade	Abr 06	Mar 06	Fev 06	Jan 06	Dez 05	Nov 05	Out 05	Set 05	Ago 05	Jul 05	Jun 05	Mai 05	Abr 05	Ano 05*	Ano 04	Ano 03	Ano 02	Ano 01	Ano 00
Algodão caroço	R\$/@	13,21	13,16	13,23	13,22	13,18	13,19	13,21	13,19	13,16	13,13	13,04	13,12	13,00	13,22	17,03	17,50	9,96	8,28	13,21
Café em coco	kg/renda	3,48	3,48	3,71	3,62	3,34	3,40	3,22	3,23	3,41	3,54	3,83	3,97	3,96	3,61	2,82	2,31	1,56	1,42	3,22
Milho	R\$/Sc	10,44	10,95	12,67	11,87	11,52	11,79	13,08	14,55	15,02	15,87	15,95	15,97	16,26	14,35	15,53	15,73	13,90	8,31	13,08
Soja	R\$/Sc	22,57	23,69	25,58	26,16	25,30	24,24	24,65	25,68	27,61	29,12	29,19	27,81	29,20	27,56	38,42	37,42	25,69	19,06	24,65
Trigo	R\$/Sc	18,94	19,03	19,25	19,29	18,38	17,15	17,30	18,20	19,55	19,73	20,23	21,78	22,93	19,57	24,51	27,24	29,49	15,65	17,30
Cana de açúcar	R\$/t	29,22	29,40	29,23	29,03	28,81	28,75	28,55	28,61	28,65	28,06	27,70	27,89	27,87	28,24	25,77	26,04	20,02	21,06	28,55
Mandioca	R\$/t	79,42	82,01	85,16	85,10	84,20	83,89	84,76	90,54	93,18	95,55	106,71	124,35	128,03	115,02	238,10	197,95	59,08	45,12	84,76
Boi gordo	R\$/@	45,28	45,30	46,09	46,56	48,60	50,48	50,14	47,70	48,47	49,95	50,08	50,53	51,05	50,76	55,89	54,14	45,41	40,21	50,14
Frango vivo	R\$/kg	1,09	1,12	1,20	1,27	1,29	1,33	1,37	1,38	1,38	1,37	1,36	1,37	1,37	1,36	1,44	1,37	1,02	0,86	1,37
Leite cota	R\$/l	0,40	0,39	0,38	0,40	0,39	0,40	0,42	0,43	0,46	0,51	0,52	0,51	0,50	0,46	0,45	0,41	0,30	0,28	0,42
Suíno raça	R\$/kg	1,30	1,44	1,57	1,65	1,81	1,86	2,10	2,13	2,09	1,99	1,89	1,88	2,27	2,13	2,24	1,59	1,17	1,23	2,10

Fonte: Seab/Deral - Elaboração: Ocepar/Getec – fevereiro/2006. Preços médios mensais recebidos pelos produtores paranaenses.

INDICADORES DO COOPERATIVISMO

Indicadores	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Faturamento (bilhões R\$)	6,49	8,02	11,21	15,50	18,00	15,5
Cooperativas (unidades)	194	193	202	204	210	228
Cooperados (unidades)	243.224	245.884	266.523	293.579	348.000	403.195
Colaboradores (unidades)	28.460	30.421	32.693	39.059	45.000	49.000
Exportações (milhões US\$)	355,42	633,82	643,87	800,00	1.000,00	700
Investimentos (milhões R\$)	-	300	350	450	780	600
Participação no PIB do Paraná	9,70%	10,50%	13,30%	16,50%	18%	18%
Participação no PIB agropecuário do PR	47%	55%	52%	53%	55%	55%

Fonte: Ocepar/Getec. O PIB do Paraná em 2003 foi de R\$ 94,17 bilhões e o valor bruto da produção agropecuária no Paraná foi de R\$ 28,01 bilhões.

Poder de troca na agricultura

Nos gráficos abaixo estão reproduzidas algumas análises feitas pela Gerência Técnica e Econômica do Sistema Ocepar sobre o poder de troca dos produtores rurais no mês de abril de 2006. Este trabalho é realizado com base nos preços divulgados pelo Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Paraná (Seab). Com estes gráficos em mãos, os produtores podem acompanhar melhor o desempenho de sua atividade e ver, por exemplo, quanto é necessário do seu trabalho, da sua produção, para aquisição de um determinado item de consumo. ■

Foto: Assessoria Coamo



SOJA X INSUMOS



MILHO X INSUMOS



TRIGO X INSUMOS



SOJA X MAQUINÁRIO



MILHO X MAQUINÁRIO



TRIGO X MAQUINÁRIO



Fonte: Preços SEAB/Deral - elaboração GETEC/OCEPAR

Um milhão de associados: taí mais um valor do cooperativismo que a gente faz questão de ressaltar.

Alcançar a marca de um milhão de associados dá um certo orgulho. Mas orgulho maior a gente sente todos os dias, trabalhando para que os valores do cooperativismo ganhem o mundo.

Valores como a adesão voluntária e livre dos associados, a gestão democrática, a participação econômica dos membros, a autonomia e independência, educação, formação e informação, intercooperação e o interesse em melhorar a qualidade de vida das comunidades onde estamos vêm se multiplicando.



www.sicredi.com.br

Agronegócio na contramão da exportação

Exportar, dentre outros significados, quer dizer desenvolvimento econômico. Através dessa atividade, geram-se divisas, agrega-se valor aos produtos, escoam-se a produção excedente e põe-se em movimento toda uma cadeia produtiva. Desde os anos 60, governo e representantes dos mais diversos segmentos da economia unem esforços a fim de implementar legislação, melhorar a qualidade da produção, facilitar e incrementar mecanismos facilitadores para a exportação. De lá para cá, o Brasil aumentou expressivamente sua participação no comércio internacional, alavancado especialmente pelo setor do agronegócio. Assim, o tema exportação foi pauta de diversas

matérias publicadas nas edições do informe Paraná Cooperativo.

Em abril de 1974, por exemplo, o informativo noticiava crescimento das exportações do Paraná, analisando os números divulgados pelo CEXPAR – Centro de Comércio Exterior do Paraná. A reportagem contava que o Estado já detinha 15% do total das exportações nacionais, sendo soja, feijão, milho e carnes os principais produtos comercializados. A matéria já prenunciava o peso que iria assumir o agronegócio na balança comercial do País que hoje corresponde a 30% do PIB brasileiro. Contudo, a rentabilidade da exportação é sempre um ponto de interrogação, uma vez que é influenciada principalmente por dois fatores instáveis: ce-

nário internacional e política cambial interna.

No rastro do desenvolvimento da agricultura e pecuária das últimas décadas, as cooperativas brasileiras conquistaram seu espaço no mercado internacional e participaram, em 2004, com 2,8% do total das vendas externas do País. Porém, chegamos a 2006 com péssimas notícias e sem grandes perspectivas. A crise no setor agropecuário e a falta de medidas efetivas para dar sustentabilidade ao segmento põem em risco um dos principais motores do cooperativismo que é a geração de emprego e renda. Se a situação atual persistir, certamente a manchete que anunciamos no passado continuará como parte da nossa história. ■



Foto: Assessoria Ocepar



Tecnologia e Produtividade

A Integrada investe em tecnologia para garantir os melhores índices de produtividade. Produzindo sementes de soja, trigo, aveia e feijão, a Integrada se destaca como uma das grandes difusoras de novas variedades e cultivares do Paraná, desenvolvidas pelos principais institutos de pesquisa do país. Com unidades em Londrina, Mauá da Serra e Santa Cecília do Pavão, a cooperativa busca sempre as melhores sementes adaptadas para cada região. Isso porque uma alta produtividade começa com sementes de qualidade.

Sementes Integrada. Uma boa safra começa aqui.



**Linha
Temperados**



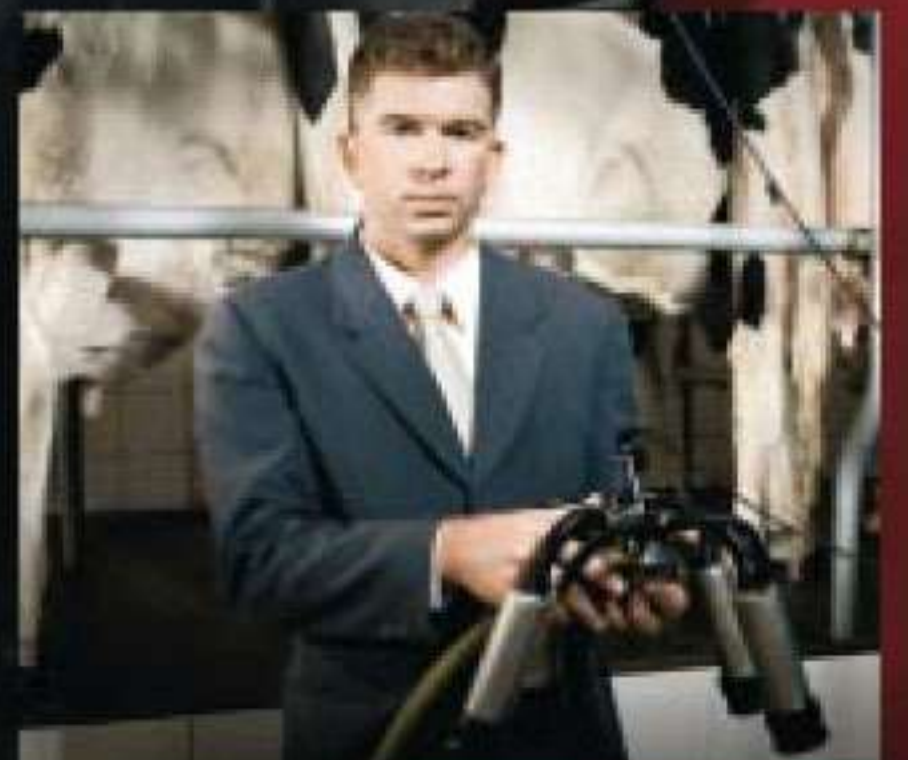
Copacol

Receita para ser Feliz

**Conheça o lançamento mais saboroso
que a Copacol preparou para você!**



45 3241-8080 | www.copacol.com.br



Um milhão de associados: taí mais um valor do cooperativismo que a gente faz questão de ressaltar.

Alcançar a marca de um milhão de associados dá um certo orgulho. Mas orgulho maior a gente sente todos os dias, trabalhando para que os valores do cooperativismo ganhem o mundo.

Valores como a adesão voluntária e livre dos associados, a gestão democrática, a participação econômica dos membros, a autonomia e independência, educação, formação e informação, intercooperação e o interesse em melhorar a qualidade de vida das comunidades onde estamos vêm se multiplicando.



www.sicredi.com.br